

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

MONOGRAFIA referente ao Estágio Supervisionado II, elaborada e apresentada pela aluna LUCIANA DE OLIVEIRA CHIANCA, por orientação do Prof. RÔMULO ARAÚJO LIMA, do Departamento de Sociologia e Antropologia do Centro de Humanidades da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

CAMPINA GRANDE, DEZEMBRO/1987

"Na realidade, pouca verdade
tem no cordel da história,
No meio da linha, quem escrevinha
Muda o que lhe convém
E não admira tanta mentira
na estação da glória.
Claro que a verdade paga a passagem
e a outra pega o trem".

CHICO BUARQUE.

ÍNDICE

	Pág:
APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	02
APARATO TEÓRICO	04
SÃO JOÃO: A TRADIÇÃO	09
O SÃO JOÃO CAMPINENSE	14
O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO	19
ANÁLISE CRÍTICA	28
CONCLUSÃO	33
BIBLIOGRAFIA	34
A N E X O S	

APRESENTAÇÃO

A presente monografia é o resultado de um processo que culmina com a conclusão do 3º grau. Elaborada com base em pesquisa bibliográfica, em jornais locais do ano de '58 a '87, e com entrevistas realizadas entre outubro e novembro de '87, foi redigida entre junho e dezembro deste mesmo ano.

Gostaria de expressar meus agradecimentos a algumas pessoas valiosas para a conclusão deste trabalho:

D. Passinha Agra,
Germano Ramalho,
Ronaldo Dinoá, e
Átila Almeida.

Ao meu amigo e orientador Rômulo Araújo Lima, o agradecimento sincero pela firme e crítica orientação.

Aos meus pais, Lucy e Chianca, meus manos Cleo e Pio-
lho, e meus amigos, fortes laços de constante companheirismo;
Gilmar, Tâmara, Tânia, Rodorval, Eliana, Robertinho, Eulália,
Else, e a Marco, tranquilo nos momentos difíceis.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge com o objetivo de resgatar a história do São João de Campina Grande até alcançar a atual forma do Maior São João do Mundo, numa perspectiva de relacioná-lo com a ação da Prefeitura e do Departamento de Turismo.

O primeiro momento tem a preocupação de propiciar ao trabalho uma base teórica, necessária de ser colocada em primeira mão devido à importância de conhecê-la, o leitor, e com ela permearmos toda a trilha do resgate histórico que posteriormente será executada. Este "Aparato Teórico", como resolvemos convencionar, será a base das nossas análises críticas e posteriores conclusões.

No segundo, tentamos resgatar a tradição dos festejos de São João no Brasil, de uma maneira geral. As suas origens, seus componentes principais, o motivo deles, enfim uma gama de características que marcam esta festa tão comemorada no nordeste brasileiro, especialmente. O levantamento de material bibliográfico na perspectiva folclorista, foi fundamental neste momento. A partir dele, foi construído o "São João: Tradição".

No "São João Campinense", o principal caminho percorrido foi o levantamento de material que permitisse uma reconstrução histórica do São João campinense. Esse momento do trabalho é marcado pela caracterização do São João em épocas, como o 'São João rural', 'época de ouro dos clubes', e o 'São João do

Sertão', culminando com a volta dos campinenses à cidade, no governo de Enivaldo Ribeiro. O último ponto de parada é o início da gestão de Ronaldo Cunha Lima, no ano de '83, momento em que o Departamento de Turismo é renovado e começa a trabalhar investindo mais, apoiando e divulgando o São João. A pesquisa em jornais locais e entrevistas foram de fundamental importância neste momento.

O 4º momento é o do Maior São João do Mundo. Iniciado no ano de '84, segundo da gestão de Ronaldo Cunha Lima, ainda se vê alguma saída para o interior do estado, mas a permanência na cidade cada vez mais cresce. De '85 a '87 a centralização no Parque do Povo aumenta e com ela o fluxo de turistas de todo nordeste, e do Brasil. As casas de shows são inauguradas, a promessa de apoio da Embratur é reforçada com a visita de João Dória Júnior, seu presidente. Enfim consolidado, o São João de Campina Grande ganha espaço e se torna um evento turístico de grande porte, e fonte de renda para a cidade, abrindo inclusive perspectivas turísticas para as cidades circunvizinhas.

Na "Análise Crítica" seguimos uma jornada com a tradição junina, desde o seu meio natural, a região rural-agrária, até a chegada em Campina Grande. Verificamos que após este percurso o folgado muda de caráter, passando de valor-de-uso, para mercadoria. Os processos de adaptação das ideologias de elite (originada do urbano) e da do povo (originada do rural), são considerados, e vemos neste momento a participação do Estado, como gerenciador de interesses da sociedade civil, na construção de uma hegemonia ideológica da qual todos partilham.

1) APARATO TEÓRICO

Nas análises de Marx sobre a mercadoria, podemos extrair um conceito de extrema importância para o estudo que nos propomos a fazer. A relação homem x homem mediada pela mercadoria é um fenômeno de ocorrência corriqueira na sociedade capitalista e, talvez por isto, não nos detenhamos, com a frequência que deveríamos, a pensar e discriminar as mercadorias que a todo instante vemos surgir e se fixar no circuito da produção e reprodução do Capital.

Como detentor de valor-de-uso, um objeto não pode ser considerado mercadoria, pois é só trabalho humano voltado a um fim particular e próprio do indivíduo que a produz sobre matéria prima fornecida pela Natureza.

Por outro lado, é o tempo deste trabalho gasto na sua produção que vai determinar o seu valor, caso tenha destino social a sua produção. Porém esse tempo de trabalho deve ser calculado sobre a média de vários produtores do mesmo artigo, nas condições tecnológicas vigentes àquela época (tempo de trabalho socialmente necessário).

Quando o produtor não trabalha na sua produção apenas com o fim de uso particular, mas resolve produzir socialmente, aí ele gera valor-de-troca, que é a forma onde o valor vai se expressar, pois a produção vai se revelar completamente diferente, não mais para o consumo, mas para o comércio, o mercado, a troca. A mercadoria é objeto da satisfação humana, seja ela "meio de subsistência, objeto de consumo ou como meio de produção" (MARX, 1890) e produção social.

O valor é necessariamente troca, embora todo fruto da

produção humana possui valor. O valor-mercadoria, que vai nos interessar, só é dado pela produção de objetos úteis e veículos de valor: a mercadoria.

Mas quando acaba, a mercadoria se envolve num mistério do qual é trabalhoso retirá-lo. Aí reside a dificuldade que se coloca para nós, de distingui-la na vida social cotidiana. Fruto do trabalho do homem, ela se apresenta como se as características com as quais o seu produtor dotou, fossem inerentes a si próprias. O produtor não se reconhece no resultado do seu trabalho, e aí a mercadoria se exterioriza dele, ganha vida própria.

As relações inter-pessoais contidas na produção daquela mercadoria assumem o caráter de relações entre coisas. É esse o fetichismo da mercadoria. A troca, que é antes de tudo um processo social, iguala o trabalho dos homens transformando-o num enigma. Daí a importância de vermos a mercadoria com uma certa distância crítica; observá-la até distinguir nela o valor-de-troca, tarefa difícil, pelo próprio caráter da mercadoria, como já vimos, mas não impossível.

A cultura por sua vez, também se produz nas relações sociais, ligadas à produção, à atividade humana, a partir das suas condições objetivas de vida.

No capitalismo vemos, de uma forma extremamente simplificada, a produção de lucros para uma classe social, detentora dos meios de produção, por uma classe despossuída que vende sua força de trabalho ao capitalista, a fim de gerar mais capital. Categorias distintas na produção de mais-valia, Capital e Trabalho estão representadas como classes sociais, à nível da produção social.

Considerando a classe capitalista como a elite, deten

tora dos meios de produção, do Estado e do saber, no esforço de compreender a detenção por sua parte do poder político, temos que caminhar necessariamente, pela esfera do ideológico.

O discurso das elites se apresenta então, numa certa uniformidade com a realidade política e ideológica, sem a qual ele não se firma. E se ela não quer o reconhecimento pela classe dominada da dominação sob a qual é colocada, esta permanece escondida no discurso e numa prática coercitiva. "A assimilação destes 'valores', entretanto, parece-nos que não se dá por 'pura' imposição, ou pelo fato de o ideologia dominante ser 'rolo compressor', que invade as consciências dominadas, bloqueando qualquer outra forma de representação que não seja a prevista em seu quadro de significações. A introjeção da ideologia se dá, ao nosso ver, por processos e mecanismos, diríamos, 'menos ostensivos' e 'mais generalizados'" (FAUSTO NETO, 1982). Esta prática mais ostensiva, porém só é levada à ação num último estágio, pois esta ideologia dominante não se afirma segundo a força, mas sobre processos mais suaves, e estão em constante fusão com elementos de outras classes, subordinados e adaptados aos interesses hegemônicos.

Por outro lado, a todos os membros da sociedade, a classe dominante passa a visão de que são todos participantes de uma mesma sociedade: embora diferentemente mas, sempre de forma igualmente legítima.

O autoritarismo das elites (não considerados como os bons, melhores) é reforçado num corpo de ações e representações que faz mediação entre o real e o que passa via discurso dominante, e, vindo do exterior e estranha à classe dominada, se torna autoritária, não necessariamente na forma, mas no conteúdo.

A classe dominante, como detentora do saber, possui

inúmeras armas a seu favor. A forma da racionalidade, da razão, aparece nas esferas produtivas legitimando estas classes dominantes, não como opressoras, mas como ocupantes de sua posição de uma maneira legítima, pois eles detêm a ciência, e não os trabalhadores. A ciência surge então como contraponto ao povo "não-científico", inculto. A cultura "arcaica" do povo é vista como irracional.

A cultura do povo, já em sua terminologia permite denotar uma diferenciação de classes, reconhecida na sociedade. O povo é a força-de-trabalho que atua no capital a fim de criar mercadorias, como vimos anteriormente. A cultura do povo vem então, representar a cultura das classes dominadas, são então as idéias dominadas. Quando falamos em ideologia dominada, é importante considerarmos a mesma observação que fizemos acima, com referência à cultura da classe dominante.

A cultura hegemônica que é a da classe dominante em essência, é uma mescla das culturas existentes na sociedade. O processo de interação se dá nos dois sentidos e desta forma a ideologia hegemônica possui fortes características da do povo, embora não a represente diretamente. Este processo de interação de discursos, colocado pela classe dominante, vem a distorcer a verdadeira explicação da exploração, e confundir a classe dominada na busca de uma própria, o que se torna mais complicado devido a amplitude das relações que se estabelecem num processo de compreensão de um determinado fato da existência social dos indivíduos.

A cultura dominante desta forma, se permite o resgate de um mundo extinto (porque "irracional"), exposto ao turista nas feiras de artesanato, palcos de dança, etc. O folclore, estudando a cultura do povo de uma maneira preconceituosa, pater-

nalista e atrasada, como se ela fosse estática e não se modificasse constantemente, através de processos de mudanças técnicas e sociais, pelos quais passa uma sociedade constantemente, surge como um recorte da classe dominante sobre a cultura do povo.

Transformando a cultura popular em mercadoria, o próprio Estado e outras instituições sociais passam a valorizar a tradição: "Hoje são as autoridades que promovem as manifestações populares. Há prefeituras municipais com dotações de verbas para o auxílio dos grupos folclóricos, que criam departamentos de turismo para cuidar também do folclore: incentiva-se o artesanato para a produção de souvenirs" (ARAÚJO, 1977).

Isto não significa que a participação do Estado na valorização da cultura do povo, numa releitura adaptada às inovações, seja uma atitude condenável.

O que devemos ter claro porém, é que se por um lado a tradição ganha um novo fôlego e possibilidades de sobreviver, nos casos em que sua existência estiver ameaçada, - o que não deixa de ser uma atitude paternalista, no mínimo - através de incentivos, incrementos e apoio a organização folclóricas, temos que considerar esta intervenção como mercantilização da cultura, o que bem ou mal, aconteceu no caso do São João em Campina Grande.

2) SÃO JOÃO: A TRADIÇÃO

Os festejos de São João foram trazidos ao Brasil pelos colonizadores portugueses. Menino de cabelos encaracolados, transformado em santo austero e comedido, o seu nascimento é comemorado na véspera do seu aniversário, dia 23 de junho, com algarazas e adivinhações.

Neste dia que lhe é dedicado, ele dorme, mas se acordar, vendo o clarão das fogueiras, não resistirá ao desejo de descer do céu e o mundo acabará pelo fogo. Continua a crença com São João perguntando à sua mãe, Santa Isabel pelo seu dia:

" Minha mãe, quando é meu dia?

Meu filho, já passou.

Numa festa tão bonita, minha mão não me acordou?

Acorda, João. Acorda, João. João está dormindo, não acorda não."

As fogueiras acesas na noite de São João tem a função de relembrar a iniciativa da mãe do santo, que acendeu uma no alto da colina onde morava, para avisar a sua prima, a Virgem Maria, do nascimento do seu filho. Na Europa, local de origem dos festejos em homenagem ao santo, as fogueiras aparecem com a aproximação do verão, para afugentar a fome e a miséria.

No Brasil, a época de São João inversamente é inverno, e segundo Câmara Cascudo, é necessário excluir que a fogueira seja feita para aquecer, mesmo porque as festas realizam-se dentro das casas, e logo que o sol se põe elas são acesas, com o objetivo de prestar uma homenagem ao santo, relembrando seu aniversário.

" Se São João soubesse como era seu dia,

Descia do céu à terra, com prazer e alegria."

O prestígio do morador, se avalia pelo tamanho da fogueira, quanto mais alta, maior este prestígio. Este fenômeno pode ser explicado pela dificuldade de construir e transportar a madeira nos locais em que esta é abundante e de conseguí-la, onde é escassa. O tamanho da fogueira, ao indicar prestígio, traz em si uma transparência classista, que contraria o romantismo de muitos folcloristas. Os mais ricos são efetivamente, os que tem condições de fazê-la maior, e anunciar através dela uma festa abundante. Os mais pobres fazem apenas pequenas fogueiras.

Se as fogueiras no Brasil assumiram novos significados, o espírito da festividade veio para cá na mesma ordem de preocupações e associações; a fecundidade, seja ela humana ou agrícola é um dos pontos fortes da tradição de São João. Não é por acaso que nesta época ocorrem adivinhações de noivado e casamento, mas também de morte. "A ligação do santo com os cultos agrários é visível, pela insistência de desabrochar de flores, reverdecimento de folhas" (CASCUDO, 1962).

As adivinhações de casamento são características do ciclo junino, velas, facas na bananeira, bacias d'água, criando uma relação entre a fertilidade agrária e a perspectiva de casamento. No nordeste inclusive, a época de São João é de plantio, e assim podemos explicar a relação tão próxima entre o São João e a zona rural agrícola.

Junto com as fogueiras vem a tradição dos balões soltados a levar recados para o santo, na esperança de quem os solta de que eles não se queimem, pois se isto acontecer, o pedido não será atendido.

Os festejos joaninos (de São João) dão-se em meio de

comes, bebes e danças. Os comes são as comidas de milho (canji ca, pamonha, etc) e as típicas regionais de dias de festa. As bebidas tem seu forte na cachaça, pura ou com suco de frutas (ba tidas, licores, etc).

As músicas, anteriormente executadas por violeiros, ra bequeiros e às vezes com clarinete, vão cedendo lugar às sanfo nas com percussão (pandeiro, zabumba), e eram tocadas junto com os devotos que iam marchando em grupos, denominados capelas, no norde ste e ranchos, no sul, e iam percorrendo as residências ami gas onde haviam mastros com limões espetados, e no alto uma ban deira com a imagem do santo com seu cordeirinho, que era a indi cação de que havia festa naquela casa.

Desta forma, os ranchos iam sendo recebidos nas casas com as comidas e bebidas típicas. As danças que não eram priva das do ciclo junino, embora sempre ocorressem nele, eram arras tadas ou sapateadas, sendo as do primeiro tipo "apresentada por pares que dançavam a passos rápidos em várias direções, alguns de seus passos, como o 'chã. de barriguinha' eram considerados vulgares e só apareciam em lugares frequentados pela escória so cial" (CÂMARA,). Esses bailes eram realmente frequentados pelas classes menos abastadas, e lá dançava-se o baião, o côco, embolada, etc. Chamavam-se sambas ou forrós.

Estes forrós, contrastavam com os bailes que ocorriam nas casas dos mais ricos. "Num e noutro tocavam os mesmos núme ros musicais. Diferia, portanto a orquestração. A não ser a con certina que tinha entrada em ambos, ordinariamente no baile to cavam pistão, rufo, baixo e carrilhão, e no samba a trinca pifa no, zabumba e pandeiro." (CÂMARA,). As danças marcadas ou figuradas eram mais chiques, e apareciam nos bailes. Uma delas, a quadrilha (dança palaciana européia do século XIX) foi bastan

te cultivada e é até hoje. Nelas, os pares dançavam ordenadamente, seguindo a determinadas figuras (balancês, anavantús, etc).

Existe porém, o registro de uma dança típica junina surgida com dedicação a São João; a capelinha. Embora sua letra e música pareçam bem portuguesas, Câmara Cascudo diz não ter encontrado nenhum registro dela nos documentários portugueses, (principalmente Minho e Beira, festejadoras do santo). Vejamos como ela é marcada por elementos portugueses:

" Capelinha de Melão

É de São João

É de cravo, é de rosa, é de manjerição."

A instituição do compadrio no São João é reforçada e embora não tenha validade religiosa, os compadres, afilhados e madrinhas se consideram como tais, compadres de fogueira. Para celebrar o compadre no São João, basta saltar a fogueira em cruz três vezes, repetindo o seguinte juramento:

" São João dormiu,

São João acordou,

Vamo ser cumpadre,

Que São João mandou."

De madrugada as pessoas vão aos banhos nos rios e açudes, lavar as mazelas. O banho tem uma relação direta com o batismo de Cristo, ministrado pelo santo, nas águas do Rio Jordão.

Frei Vicente de Salvador, já no ano de 1603 falava na boa receptividade que os festejos juninos tinham por parte dos índios, por causa das fogueiras e capelas. Esta tradição vemos, se mantém até hoje, embora ocorrendo de formas diferenciadas, quando um ou outro elemento da tradição está mais presente. A influência portuguesa, como vimos, é bem marcante, assim como a religiosidade cristã ao Brasil trazida pelos mesmos colonizado-

res.

Um aspecto a ser ressaltado no entanto, é a diferença entre a comemoração de um lugar para outro. De fato, as características determinantes da vida social de comunidade irá determinar o aspecto a ser destacado na tradição, porém não podemos deslocar o São João de uma análise de situação das classes sociais neste contexto produtivo, quando consideramos o custo financeiro de efetivação dos rituais juninos. Este custo dificulta para as classes menos favorecidas, a comemoração plena do São João, como vimos anteriormente.

3) O SÃO JOÃO CAMPINENSE

O São João mais antigo de Campina Grande era comemorado em fazendas, geralmente perto da cidade, para onde os familiares iam, de acordo com a devoção do parente, de São João. A festa era basicamente familiar e religiosa, o que não impedia a participação de amigos próximos e de brincadeiras "pagãs". Como é de opinião de um dos entrevistados, "primeiro vinha a devoção, depois a diversão".

O desenrolar da festa se dava com a chegada dos parentes à casa onde se realizava a festa, na véspera de São João, dia 23 de junho, normalmente na parte da tarde.

As comidas já vinham sendo preparadas pela dona da casa e auxiliares, e eram as típicas regionais, como sequilho, pé-de-moleque, bolo de goma, etc., e as carnes dos animais; nas matanças. Soubemos durante as entrevistas, da proibição de consumo de carne de carneiro, o que talvez se dê pela origem e trabalho pastoril do Santo João.

As fogueiras eram acesas à frente da casa, às 18 horas, e a madeira que serviu na sua construção era trazida até lá em costas de burro, desde o local de sua extração. Quando lá chegava, era descarregada por todos os presentes. Os que podiam carregar as mais pesadas, e as mais leves, também ajudaram: "era um sacrifício". Na hora de acendê-la, soltavam pistolão, girândolas, bombas e depois de acesa, queimavam até o outro dia.

As crianças brincavam em torno da fogueira, fazendo comadres e afilhados. As adivinhações de casamento também eram frequentes; faca na bananeira, bacia d'água, jejuar para ver o noivo à noite, entre outras. Quando batia 7 horas da noite, iam

todos rezar a novena do santo, comandada pela dona da casa. Há registro de um livro onde constava a novena de todos os santos mais conhecidos; "O Escudo Admirável".

A novena de São João era puxada pela dona da casa, como já foi dito, e haviam também os cantos, benditos, magníficos, as histórias sobre o nascimento e morte de São João, a visita de Nossa Senhora à Santa Isabel, a tradição, a fogueira, etc. Era um cerimonial essencialmente comunitário, grupal. Tinha o poder de fornecer ao crente, uma reorientação espiritual quanto à sua conduta, além do que fornecia uma visão do mundo ordenada e harmônica, que contrastava com a vida cotidiana dos fiéis.

Uma revista específica circulava nesta época, com reportagens exclusivas sobre o São João, com anedotas, adivinhações, brincadeiras de tirar a sorte, etc., tudo escrito em verso. Era "A Estrela de Junho".

Já tarde da noite, sendo difícil o caminho e o transporte para as fazendas dos convidados, impossibilitados de oferecer dormida para toda aquela gente, os anfitriões os convidavam a permanecer e dançar até o outro dia. As danças eram as quadrilhas, marcadas em francês pelo dono da casa e filhos e, à meia noite dançava-se a valsa. Aqueles que não sabiam dançá-la, esperavam pela marcha que era executada logo a seguir. Segundo um informante, havia também uma dança denominada "figurado", semelhante às danças típicas portuguesas, mas estas saíram de costume.

Ao nascer do sol, iam todos ao banho, os homens num local e as mulheres noutra. Na água parada era prã ver o reflexo do próprio rosto, caso contrário, significava morte, até o próximo São João. Depois do banho iam todos ao curral tomar leite de vaca e voltavam à dança ou iam descansar.

A concertina (instrumento da família do acordeon), acompanhada do reco-reco, triângulo e pandeiro, eram os instrumentos executados e o conjunto pernoitava na fazenda e acompanhava todo o movimento. Ao meio-dia havia um grande almoço e, às quatro horas da tarde era hora dos convidados irem embora, não sem antes provarem das canjicas, bolos, etc.

Com os reflexos da modernização nas cidades, o São João das fazendas e sítios sofreram algumas modificações, como por exemplo, a introdução da luz elétrica que, se não eliminou o conjunto musical, fez surgir um novo elemento, a radiola "alta fidelidade". O casamento matuto, típico do São João urbano é introduzido nas fazendas, mas o cerimonial religioso da época anterior permanece, e as danças rituais também.

O São João urbano campinense começava na década de 20 a dar seus primeiros passos. O de 26, realizado num galpão que a maçonaria construiu para a festa, onde depois foi construído o Hospital Pedro I, foi famoso. Com fogueira, a orquestra do maestro Severino Capiba, as mesmas danças que eram executadas nas fazendas, esta era quase de todo semelhante à festa rural, embora não houvesse nele o cerimonial religioso existente nas festas rurais. As festas já aconteciam em clubes como o Campinense e o Trinta e Um, e eram bem festejadas e frequentadas, principalmente pelas classes mais privilegiadas. As mais populares faziam pequenas festas em ruas e residências.

Através de jornais das décadas de '50 e '60, vemos que as festas populares se davam com construção de fogueiras nos bairros periféricos. Mas, o principal da festa noticiada em jornais, acontecia nos clubes, como Caçadores, Ipiranga, Campinense e Paulistano. (Ver anexo 1). O sucesso era tamanho que o Baile de São João do Clube dos Caçadores foi considerado o maior

do norte e nordeste, em '69. (ver anexo 2). Era, indiscutivelmente, a época de ouro do São João de Campina Grande.

Já na década de '70, verificamos uma saída enorme de campinenses para o interior de estado, principalmente do sertão, como Patos, Souza, Cajazeiras, Santa Luzia (ver anexo 3). O movimento na estação rodoviária é intenso, o que vai exigir da prefeitura do município um maior incremento em termos de atrações juninas na cidade, durante o São João.

Neste ano, são dados grandes passos para a comemoração do São João em Campina, como o incentivo às festas de bairros e a participação do orçamento do município no apoio às festividades juninas, com o fim de transformá-lo em atração turística (ver anexo 4 e 5). A década de '70, no entanto, pode ser caracterizada como do São João do sertão. Nesta época, o relacionamento de Campina com as cidades do interior, principalmente na época do São João era muito intenso. As poucas festas que acontecia na cidade eram nos clubes, fazendas ou sítios periféricos, e nas ruas, pelas classes populares.

De '70 a '80, o que pudemos verificar foi um crescente movimento de centralização da festa na região central da própria cidade.

Vimos, no período que se estendeu de '80 a '83, uma ousada programação da prefeitura, que ocupou pela primeira vez com festas os dias de São João em Campina Grande, o que veio a abalar profundamente o já desgastado São João do sertão. Este desgaste deveu-se principalmente à seca que, iniciada em fins da década de '70 foi aos poucos minando a resistência dos sertanejos e as condições de promoção e recepção do seu tradicional São João. Em '80, já enfraquecido, ele não exerce a mesma atração de antes. (ver anexo 6).

Neste momento, com uma programação intensa, o prefeito Enivaldo Ribeiro dá o primeiro passo para a construção do São João Campinense. (ver anexo 7). As quadrilhas de bairros organizadas pelas SABs proliferam, os clubes novamente superlotam, e a festa vai ganhando espaço. Já em '82 pudemos verificar um movimento de entrada e saída da cidade, na época do São João, o que significava um início de reversão do quadro anterior. (ver anexo 8).

Em '83, Ronaldo Cunha Lima, prefeito recentemente eleito, comparece às festas dos bairros (ver anexo 9), a Secretaria de Educação e Cultura promove pela primeira vez mais de 100 quadrilhas, não aparece nenhuma notícia em jornais de saídas em massa da cidade-fenômeno que ocorria ano a ano-e no Diário da Borborema uma folha inteira sobre o São João é publicada. (ver anexo 10).

4) O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

O São João de 1984, o segundo da gestão de Ronaldo Cunha Lima, se caracteriza por um movimento duplo na Rodoviária, principal indicador de fluxo dos campinenses que se retiram da cidade. Esse movimento duplo significava uma saída para o interior do Estado, principalmente para o sertão, e uma entrada de passageiros vindos principalmente de João Pessoa e os antigos frequentadores naturais do São João de Caruaru, os recifenses (ver anexo 11). Esse movimento duplo também se verifica a nível de campinenses, que dividem as comemorações do ciclo junino em dois lugares: O São João no Sertão, e no São Pedro, comemorando em Campina.

Essa modificação nos costumes, significa a continuação do processo de reversão do quadro anterior. Nos bairros, as quadrilhas cresciam, e nos clubes, a festa era igualmente animada.

Os festejos juninos promovidos pela prefeitura, de 01 de junho a 02 de julho, funcionavam como forte atrativo a nível regional, e Campina transforma-se na "Capital Mundial do Forró".

Prosseguindo no caminho do seu antecessor, Ronaldo centraliza os festejos, que continuam sendo realizados bem no centro da cidade, vizinho ao Centro Cultural municipal, onde antes havia apenas um descampado, região tradicionalmente conhecida como "Os coqueiros de Zê Pereira". Lá é construído um Palhoção, (ver anexo 12) uma grande palhoça, de construção bastante simples, que abrigava os dançarinos do forró, dança junina adotada por Campina Grande (ver anexo 13). Praticamente sem estrutura, a Capital do Forró oferecia aos seus moradores e visitantes, o

Palhoção, e várias barracas em volta dele, com comidas e bebidas típicas, a maioria administrada por particulares, pequenos comerciantes e amadores aventureiros.

O ano de '84 pode ser chamado de ano de experiência. Tendo sido um sucesso, o Palhoção deveria ser replanejado em termos de oferecer um mínimo de infra-estrutura aos participantes e às pessoas que viriam para a Capital Mundial do Forró.

Ronaldo Cunha Lima, junto com a equipe municipal de turismo resolve partir para um empreendimento que além de cultural, fosse turístico.

"O São João tem em todo lugar, é uma festa popular, em todo lugar você faz é igual, mas aqui é diferente pelo fato de ter o Parque do povo, o Forródro mo, e durar 30 dias".

É essa idéia principal do Maior São João do Mundo, sua estrutura específica, e duração de tempo da festa. A origem do Maior São João do Mundo, como expressão que designa a festa realizada em Campina Grande é contraditória quando consideramos o depoimento de dois informantes. Diz o primeiro:

"No segundo ano que a gente fez o São João, em 84, chegou um popular e disse: - Ronaldo, isso é a maior festa do mundo. Aí ele aproveitou a idéia e disse que realmente a gente tinha condições de fazer O Maior São João do Mundo. Ele disse assim, aí pegou. Pegou e o evento tem essa marca: O Maior São João do Mundo".

E o segundo:

"O Maior São João do Mundo surgiu da fazenda do meu pai, através de um versinho de Orlando Tejo, um dos convidados. Ele disse no versinho, que o São João de Seu Josino é O Maior São João do Mundo". (Ver anexo 14)

De uma maneira ou de outra, o que importa realmente é que a idéia de promover o São João foi muito bem escolhida. Além de ser época de alta estação, férias, o povo campinense se sentiu orgulhoso com o sucesso do São João de 84, e aceitou o desafio de 30 dias de festa e da construção do Forró-dromo e Parque do Povo, que além de custarem fábulas para os cofres municipais, eram um investimento que ninguém sabia até que ponto seguro.

O ano de 85, embora não estivesse ainda com o Forró-dromo pronto, foi decisivo no aspecto de serem criadas condições para o São João se desenvolver. Neste ano, a nova rodoviária de Campina foi inaugurada, de forma a oferecer uma maior estrutura de recepção para os visitantes, antes do mês de junho.

A inauguração também do Forrock, a primeira casa de shows da cidade, e a maior do nordeste, na época, também um pouco antes do mês de junho pôde servir de termômetro junto com a Rodoviária, de como o São João repercutiu a nível de governo do estado e do empresariado municipal. Com a sua inauguração, a casa de shows trouxe para Campina Grande atrações do meio artístico-musical até então inéditas na cidade, como Elba Ramalho e Domiguinhos.

O grande efeito negativo da casa de shows, foi sentido nos clubes. O movimento que até o ano anterior era bom, cai vertiginosamente (ver anexo 15). No entanto, os clubes menores

são os que vêm a sofrer mais esta queda do público, porque no movimento deles pode ser verificado um fenômeno interessante de mudança de clientela. As pessoas de melhor poder aquisitivo procuraram o Forroçk, enquanto as menos favorecidas procuraram os clubes antes frequentados por aquelas, a partir de algumas facilidades de acesso que foram colocadas, como o ingresso mais barato, por exemplo:

"Então com o advento das casas de shows as pessoas de mais posses foram para lá devido às atrações com as quais o clube não tinha condições de competir. Então as pessoas de renda alta foram para lá, enquanto que os de classes média para baixo, ficaram com a gente... No nosso caso não sofreu muito por causa das "sobras", as pessoas vão procurar o lugar onde está mais vago. Tem também o preço que sendo mais baixo, o pessoal procura mais".

Vemos que a mudança de público está diretamente relacionada com o preço do ingresso. Com relação as "sobras", podemos verificar que apesar de uma nova clientela, o clube ainda pôde contar com seus sócios tradicionais, o que manteve o nível social da festa.

Neste ano também é feito o primeiro contato do Departamento Municipal de Divulgação e Turismo, com a Embratur. À nível nacional o São João também começa a repercutir (ver anexo 16), embora sem contar com o apoio da PBtur que sendo ligada ao governo do Estado pertencia a um partido político (PDS), opositor da Prefeitura (PMDB) e desta forma sofria um boicote daquela ins

tituição responsável pelo turismo no estado. Não obstante, os hotéis da cidade lotam bem antes do dia 23, numa mostra de que o evento havia se firmado mesmo sem o seu apoio.

A estas alturas as festas de fazendas e sítios haviam perdido totalmente seu espaço. A juventude agora se recusa a "ir pro meio do mato", para a zona rural, e funcionam como âncoras, segurando na cidade os mais velhos que preferiam a festa mais tradicional.

Em '86, o Departamento de Turismo do município tem a sua maioria reconhecida pela prefeitura, e se desvincula do Departamento de Divulgação desta. Este momento significou o reconhecimento oficial do prefeito, da qualidade da promoção turística do Maior São João do Mundo, carro-chefe do turismo campinense. À sua frente é nomeado Germano Ramalho, fiel-escudeiro que trabalha com ele desde o início da sua gestão.

Consolidado, o São João de Campina inaugura o Forró-dromo e o Parque do Povo. O Forró-dromo, localizado abaixo de uma pirâmide de base quadrangular (ver anexo 17), foi inspirado no Sambódromo carioca, a funciona como uma pista de dança de forró (ver anexo 18). Além desta pista de dança, há um palco onde os músicos executam um repertório regional característico do São João.

Vizinho ao Forró-dromo foi construída uma grande praça; o Parque do Povo "Jackson do Pandeiro". (ver anexo 17). Na época do São João é neste parque que são armadas as barracas que vendem comidas e bebidas típicas, da região e da época. (ver anexo 19).

As barracas, este ano de '87 em número de 400, aproximadamente, são padronizadas em três tamanhos. As grandes são também chamadas Pavilhões, e em número de oito, são destinadas

a hotéis, restaurantes, casas de caridade, e a renda da taxa de inscrição recolhida pela prefeitura é totalmente revertida às obras sociais da Primeira Dama do município. Outro tipo de barraca é de tamanho médio (ver anexo 19). Estas atendem a um público de classe média e são administradas por pequenos comerciantes ou amadores, de condição financeira boa ou razoável. O outro tipo de barraca é instalada atrás da pirâmide, a pertencem a pequenos comerciantes de baixa renda e são frequentadas pela classe popular.

Com as dificuldades de alojamento dos turistas, a partir da completa lotação dos hotéis (ver anexo 20), o Departamento de Turismo começa a trabalhar com um novo ingrediente: as hospedagens alternativas, nos moldes de Olinda. A grande diferença porém, reside no fato da centralização de aluguéis das casas que iam sendo oferecidas, via Departamento de Turismo.

O processo de aluguel se iniciava com a ida do interessado em alugar seu imóvel ao Departamento, e um cadastramento posterior através de uma equipe especial. Uma comissão de fiscalização do Departamento se encarregava de posteriormente ir até a casa verificar a veracidade das informações pelos proprietários. Os turistas procuravam o Departamento e iam até o imóvel de interesse e com o proprietário, fechavam o negócio. O Departamento como vimos, fazia quase tudo.

Dos 87 imóveis colocados à disposição no ano de '86, 87 foram alugados. Um dado de fundamental importância: até este ano, '86, contava como únicas empresas colaboradoras no evento a Caranguejo, o Café Aurora e o Banco Itaú.

No ano seguinte, a prefeitura elabora um pacote de participação empresarial, com a entrada de 50% por parte da Prefeitura e o restante pelas empresas.

"Elas, (as empresas) participavam apenas para explorar o evento... Era interessante que houvesse um retorno pelo menos para cobrir os custos. Porque a gente não visa o lucro evidentemente, o evento é feito para o lazer da população e para promover a cidade".

Esse pacote seria composto de empresas municipais, regionais a nacionais. A prefeitura tinha como meio de barganha o prestígio indiscutível da festa à nível nacional inclusive, e a estrutura básica da cidade que era oferecida.

Desta maneira a Prefeitura consegue os apoios do Banco Econômico, da São Bráz (que está então se recusava por ser seu proprietário o vice-governador do Estado até '86), a Caixa Econômica Federal, o Banorte, a Coca-Cola, a Brahma, a Antártica, entre outras, que já vinham colaborando desde o início. Neste pool, 48% das despesas da Prefeitura foram cobertas.

Por outro lado, o Departamento de Turismo recebe uma resposta que, embora com um atraso de dois anos, foi muitíssimo bem recebido: o apoio da Embratur. No início do ano, uma representação do Departamento de Turismo esteve no Rio de Janeiro, em visita ao Presidente da Embratur, João Dória Júnior, com um projeto "técnico, profissional" na mão direita e uma carta do Senador Humberto Lucena, então Presidente do Congresso Nacional, na mão esquerda.

Como resultado desta segunda tentativa, Campina Grande recebe João Dória na abertura do Maior São João do Mundo de '87, e despede-se dele com o seu apoio materializado em divulgação da festa daquele ano, e a promessa, através de uma carta de intenções, de apoio integral para o ano de '88. (ver anexo 21)

Como se isso tudo não bastasse, Campina Grande ganha um novo trunfo: o Spazzio. Como a maior casa de show da América Latina, não foi difícil comportar nos dias de maior lotação 23.000 pessoas, como nos dias 23 e 27 de junho, com os shows de Elba Ramalho e Luís Gonzaga, respectivamente.

Durante todo o período do São João, o Spazzio trouxe para Campina 21 artistas, que provocaram uma afluência enorme de turistas de João Pessoa, Maceió, Recife, Natal, Caruaru, Garanhuns, locais onde houve ampla divulgação do Spazzio e sua programação. Isso veio de forma indiscutível a colaborar ainda mais para o crescimento do São João campinense.

Paralelamente a esse movimento vemos uma pequena recuperação dos clubes, que passada a novidade do Forrock, e com a super lotação do Spazzio, fora o Forródro, tem um pouco das "sobras", que agora representam muito em termos de pessoas, a voltar para os clubes, que conseguem atrair muitos dos seus antigos frequentadores de volta.

No entanto, os problemas de falta de vagas na rede hoteleira continuaram, e em '87 a hospedagem alternativa, centralizada pela Secretaria de Turismo, era distribuída entre as agências de turismo. Das 190 residências, sítios, apartamentos, imóveis em geral, nenhuma sobrou, e na verdade existem até reservas feitas para o ano que vem.

Mesmo sem conseguir até hoje o apoio da PBtur, que condiciona-o a uma interferência na sua organização, o que o Departamento de Turismo não admite, O Maior São João do Mundo já deu mostras suficientes de que poderia sustentar-se sozinho, nem que para isso a tradição do São João tenha sido tão desvirtuada, perdendo seus ingredientes principais, de festa religiosa familiar. Por outro lado, o festejo de São João cresce, embora de

forma diferente, e recebe o respaldo da população campinense unanimemente.

5) ANÁLISE CRÍTICA

O Maior São João do Mundo, como vimos, nasceu de uma tradição popular que modernizada e adaptada aos moldes urbanos contemporâneos, perdeu elementos essenciais que o caracterizavam. A religiosidade como fator fundamental deixa de existir, dando lugar a uma festa mais "pagã", de rua, casas de shows e clubes, sem os apelos religiosos constantes da festa tradicionalmente comemorada.

As fogueiras persistem apenas nas periferias da cidade e as danças foram sendo esquecidas até alcançaram a fórmula forró-quadrilha. Os compadrios, os banhos pela madrugada, as capelas, deixam todos de ser celebrados. Este processo que trouxe ao atual estágio o São João de Campina, passada pela festa rural, dos clubes, entrando no sertão, e voltando à cidade, é por nós interpretado como um processo de urbanização de um folgado rural.

Como estágio anterior ao Maior São João do Mundo, vimos um fluxo intenso de campinenses ao interior do estado. Com a seca que se iniciou em fins da década de 70, prolongando-se até o início da de '80, verificamos um período de intensa pauperização do interior paraibano e nordestino em geral, principalmente na região sertaneja, grande festejadora do São João.

As consequências de um período tão prolongado de seca, levaram a massa de trabalhadoras rurais a migrarem para as cidades de maior porte. Na busca de trabalho, muitos venderam suas terras e instalaram-se nas periferias urbanas.

Campina Grande, polo comercial tradicional nordestino, e 2ª maior cidade da Paraíba, exerceu grande atração para

os que vinham do sertão para as cidades. Além do aumento do fluxo migratório, este período pode ser caracterizado como o do declínio do São João sertanejo, também consequência da seca.

A partir deste desgaste do São João do sertão, o da cidade de Campina Grande começa a crescer. Incentivados pela Prefeitura Municipal, através de programações para a festa na própria cidade, os campinenses iniciam um processo de permanência na época junina. Sem condições de manter uma estrutura mínima de recepção aos turistas, o sertão gradativamente vai perdendo espaço para o São João de Campina, que inicia um período de crescimento constante, ano após ano.

Por outro lado, o inchamento das periferias urbanas, ocasionado pela migração, traz consigo ingredientes da cultura agrária, como o São João, que pode ser traduzido como um folgado de esperança na fertilidade da terra, propiciadora de boas safras. Esta ligação estreita existente entre o trabalho na agricultura e a festa junina, é o motivo pelo qual a tradição tende a se distanciar das cidades e partir para espaços onde a produção seja fundamentalmente agrícola.

A cidade de Campina, assim como Caruaru (as duas de maior porte no interior nordestino), foram as que mais receberam esta cultura agrária, essencialmente diferente da urbana, mas que exige, no processo interativo, um eco positivo. A cidade, com sua cultura diferente, não pode responder a este apelo, senão com uma resposta também diferente, miscigenadora do rural e do urbano.

A urbanização da cidade vai determinar em contraposição às influências que agora recebe, uma modificação nesta tradição. Quando vimos a introdução da luz elétrica nas festas ju

ninas rurais com o posterior uso das radiolas, a queda do número de fogueiras na cidade, diante da impossibilidade de construí-las na pavimentação urbana, assistimos a processos desta natureza. A modernização com o conforto que traz aos que a ela tem acesso, modifica os costumes de uma forma marcante, e neste aspecto, irreversível.

Este processo de urbanização pelo qual passou o folguedo popular do São João no entanto, ocorreu permeado por uma crescente mercantilização da tradição rural, trazida pelos migrantes. Adaptada a uma nova realidade, impossibilidade de se realizar nos moldes familiares e religiosos, característicos da tradição rural junina, se veste diferentemente no decorrer deste processo de mercantilização.

De valor-de-uso inerente a si próprio, o São João tradicional, aos poucos vai se introduzindo no circuito produtivo capitalista urbano, tornando-se mercadoria. A partir do momento em que é comemorado com o propósito de troca, do comércio, do mercado, ela se distingue do valor que possuía anteriormente.

O valor-de-troca que o São João passa a possuir, é a maneira que a festa encontra para sobreviver no meio urbano desenvolvido, marcado por relações impessoais e capitalistas. O seu valor assume um caráter diferente, passa a ser o de uma mercadoria qualquer, comercializada e consumida. Quando transformado em mercadoria, o folguedo encontra nos reflexos do processo de urbanização, uma saída para a sua sobrevivência: o comércio.

Comercializada e inserida no mercado enfim, a festa assume uma nova aparência: é difícil reconhecer no Maior São João do Mundo, o São João como mercadoria. O São João é agora, interesse de diversos segmentos da sociedade, alguns pelo papel

desempenhados na esfera produtiva; antagônicos.

O Maior São João do Mundo é de interesse do povo, que reconhece na festa a sua tradição e os costumes da sua cultura, e na medida em que dele participa diretamente, pode obter algum rendimento financeiro, através de uma barraca no Forródrômo ou de biscates na época da festa. Além disso ele se orgulha de morar na "terra do Maior São João do Mundo".

A classe média, como segmento situado entre a elite e o povo há algum tempo também já ingressou neste circuito de mercado, com barracas no Parque do Povo ou alugando sua casa, no circuito alternativo de hospedagens para turistas.

A elite, proprietários e empresários, é o segmento que mais investe no São João de Campina. Também é o que mais lucra, através de casas de shows, restaurantes, hotéis e o comércio em geral.

A cidade toda, como vemos, vê o Maior São João do Mundo de uma forma positiva. Ele é a grande unanimidade municipal.

A Prefeitura Municipal surge como órgão mentor e gestor da festa. Inicialmente promovendo-a apenas com o apoio da população, depois, exigindo das empresas uma contrapartida financeira e finalmente conseguindo o reconhecimento nacional da festa através da Embratur; ela desempenhou um papel de gerenciadora de interesses da sociedade civil, e garantiu através da festa a sua manutenção e respaldo políticos.

Abrindo uma ampla possibilidade de mercado, através dos empreendimentos estatais e particulares, a Prefeitura favorece, em última instância, à elite dominante. A ideologia da elite e a do povo são agora colocados num novo patamar, além da tradição joanina. Este patamar vai funcionar também também como eixo central de sustentação do Estado através da hegemonia ideo

lógica. O São João é promovido, mais que folcloricamente, numa intenção de mercado.

CONCLUSÃO

A evidência do Maior São João do Mundo, e a importância que hoje ele assume na vida social campinense, foram as maneiras de como o tema abordado nesta monografia modesta surgiu para nós, preocupados em compreender a realidade dos processos pelos quais a cidade de Campina Grande passou e vem passando, numa busca constante de identidade.

No decorrer do processo de pesquisa nos deparamos com uma carência quase que completa de referências em livros da história de Campina Grande, da comemoração da tradição do São João. Como esse percurso histórico era de fundamental importância de ser reconstruído, buscamos fontes jornalísticas e realizamos algumas entrevistas com personagens-chave do São João e do resgate histórico campinense.

Esta carência bibliográfica talvez nos leve a cometer equívocos, que na continuação da exploração do tema, que se mostra rico em possíveis enfoques, deverão ser retomados na busca da informação mais precisa. Desta maneira acreditamos que a presente monografia possa servir de referência a outros pesquisadores que se disponham a estudar tão fascinante tema.

O nosso objetivo inicial foi satisfeito, e a partir dele, outras abordagens da festa do Maior São João do Mundo podem surgir. Foi dado um passo, o que estava ao alcance das nossas pernas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA; Renato. A Inteligência do Folclore. 2ª Edição, Cia. Editora Americana/MEC; Rio de Janeiro, 1971.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. A Cultura Popular Brasileira. Ed. Melhoramentos, Rio de Janeiro, 1977.
- CHAUI, Marilena. Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites. (In) VALE, Edenio & QUEIROZ, José J. A Cultura do Povo. 3ª Edição, Ed. Cortez, Instituto de Estudos Especiais, São Paulo, 1984.
- NETO, Ana Maria Quiroga de Fausto. Família Operária e Reprodução da Força de Trabalho. Ed. Vozes, Petrópolis, 1982.
- MARX, Karl. O Capital. Livro 1, Volume 1. 8ª Edição. Ed. Difel, São Paulo, 1982.
- RIBEIRO, José. Brasil no Folclore. Ed. Aurora, 3ª Edição, Rio de Janeiro, 1970.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Instituto Nacional do Livro/MEC, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1962.
- CÂMARA, Epaminondas. Os Alicerces de Campina Grandes. Ed. Livraria Moderna, Campina Grande.

A N E X O S

Festejos juninos decorreram em meio a grande animação

Vários bailes foram realizados nos clubes locais — Festa da Casa do Menino, em Santo Antonio

Transcorreram em meio a grande animação popular os tradicionais festejos juninos, na noite de ontem, nesta cidade, com a realização de animados bailes e outros entretenimentos nos diversos clubes locais, onde a sociedade campinense esteve reunida para comemorar o São João.

Desde as primeiras horas da noite que a fisionomia da cidade se transformou, ou vindo, se o espocar de fogos, fôcos em todos os bairros campinenses.

A tarde, desfilou pelas ruas principais um animado cortejo, acompanhado por um saramento capipira cujos membros eram conduzidos num carruagem de bois, como nos velhos tempos do Brasil colonial.

NO PAULISTANO ESPORTE CLUBE

Esteve muito animado o baile capipira realizado no Paulistano Esporte Clube, prolongando-se as danças até às primeiras horas da manhã de hoje.

O Ipiranga também promoveu em sua sede, à Rua 4 de outubro, uma festa muito concorrida, havendo além do tradicional baile de São João, diversas brincadeiras tipicamente regionais.

NA CASA DO MENINO

Onde os festejos decorreram num ambiente de maior recree, foi na Casa do Menino, no bairro de Santo Antonio, tendo ocorrido ali as festas de maior destaque nos meios sociais.

A festa da Casa do Menino foi promovida pelos diretores e funcionários da SANBRA, havendo baile, lanche amerl-

cano, bingo e outras brincadeiras, cuja renda será revertida em benefício da instituição dirigida naquele suburbio, pelas religiosas vicentinas.

Colaborando para o maior êxito do São João da Casa do Menino, o presidente do Campinense Clube, dr. José Santos determinou que fosse adiado para a noite de hoje, o baile do grêmio da Praça Coronel Antonio Pessoa.

Também transcorreu muito animado o São João na sede Campestre do Clube dos Caçadores, em Santa Teresinha.

Como nos demais clubes da cidade houve ali um grande baile junino e muitas brincadeiras populares.



Ilustrante, parte do dancing do Clube dos Caçadores de Campina Grande

No Clube dos Caçadores a maior festa junina do Norte/Nordeste

É aqui que nos encontramos às esperas dos festajinos juninos, solvemos hoje, fazer uma visita a um dos sodalícios campinenses, afim de informar ao povo, o que será a noite junina que se realizará no CLUBE DOS CAÇADORES DE CAMPINA GRANDE, que se utiliza com muita razão, de promover a maior festa junina do Nordeste brasileiro.

Procuramos então, o principal responsável pela noitada a qual que o povo de Campina Grande terá na noite de São João e, nos deslocando até o clube estivemos em palestra com o senhor Amaury da Mota Barbosa, atual Presidente daquela entidade, que nos mostrou na ocasião, toda a programação por sinal muito bem elaborada pelo senhor Genaro Marques e, que temos certeza, agradecer a todos quantos aparecerem naquele sodalício. Em todo o Nordeste do país, São João é a festa mais concorrida, e em Campina Grande, o CLUBE DOS CAÇADORES promoverá este ano, a maior noitada de todas as festas

do gênero. Cerca de cinquenta e cinco mesas já foram vendidas até hoje, o que comprova a grande frequência da nossa sociedade.

Como parte da decoração, foi criado um "Caminho da Roca" muito sugestivo, que com cerca de duzentos metros de extensão e totalmente coberto com palha de côco, conduz o visitante sócio ou não sócio, ao longo do "Caminho" repleto de juizes matigres.

A animação estará a cargo de Ogirio e seu conjunto, que, com nove elementos e um completo repertório de composições inerentes à data, estará abrillantando a grande festa. Como complemento da noitada, também estarão presentes OS BACAMARTEIROS que afóra outras exibições, dispararão tiros de bacamarte que serão cuidados até 30 quilômetros de distância.

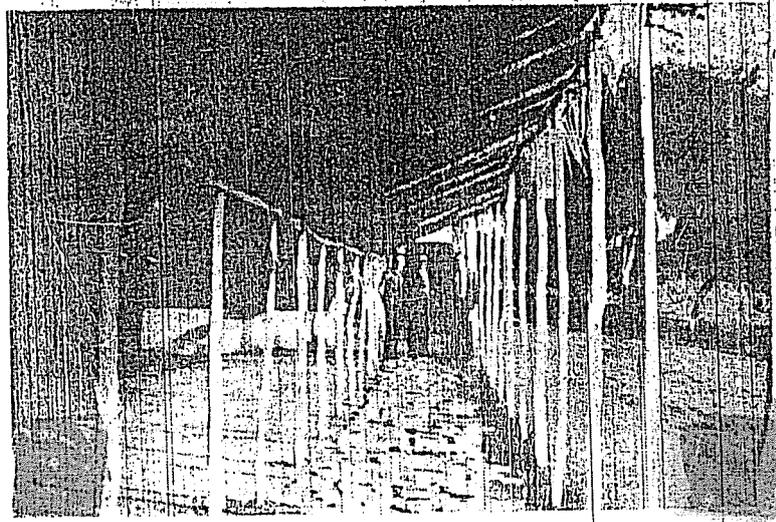
Ao perguntarmos aos senhores Amaury da Mota Barbosa, Presidente e Altair Peretra, diretor Social, sobre um convite que teria sido feito entre o CLUBE DOS CAÇADORES e

outras associações campinenses, ambos responderam que, na realidade não há convênio algum, mas que convidados de outros clubes como o Campinense, A.A.B.B. Gresse, Médico, Campestre, cujos associados, uma vez identificados na secretaria do CLUBE como pessoas dignas, poderão participar.

Passamos antes de encerrar nossa reportagem, a transcrever uma quadra cujo mote é o seguinte: — "NO CLUBE DOS CAÇADORES, VOU BRINCAR COM MEU S. JOÃO" —

Vou brincar como quem sonha
Com uma festa no céu
Camisa esporte, chapéu
Calça de meia corinha
Comer canjica e Pampinha
Dançar quadrilha e balão
Arranjar muitos amores,
No Clube dos Caçadores
Vou brincar o meu São João

Por trovés como essa, por clubes como o dos CAÇADORES e por festas tradicionais como o São João e por muito mais ainda, é que, CAMPINA EXISTE... NOS EXISTIMOS.



O "Caminho da Roca" (foto), é na realidade de o caminho da GRANDE FESTA.

Campinenses procuram interior para comemorar os festejos juninos

O movimento de ontem, da estação rodoviária Cristiano Lauritzen, desta cidade, foi grande, pois inúmeros campinenses aproveitaram o ponto facultativo de ontem e a véspera e o dia de São João (amanhã) para passarem no interior os festejos juninos.

Apesar de ter sido colocados alguns ônibus especiais, em horários extras, não deram para atender os usuários que se deslocavam, principalmente para Patos, Pombal, Souza e Cajazeiras.

Para hoje, toda a lotação dos ônibus já está vendida, in-cluindo os veículos que deman-

dam para a capital do Estado.

Todavia, a fim de atender aos usuários das empresas de ônibus inter-municipais, permitiram fazer uns horários especiais, ensejando assim a todos aqueles que desejam passar a festa de São João no interior ou na capital do Estado.

Também, em João Pessoa, o movimento na estação rodoviária foi intenso de pessoas que se deslocavam à tarde de ontem para as cidades interioranas, devendo-se tal movimento ser aumentado no dia de hoje.

Festejos juninos são realizados nos bairros

As festividades juninas que antes acontecia apenas no centro da cidade foram transferidas para os bairros, por determinação do prefeito Edmilson Mota que achou mais de enfeites e pouco de divertimento. Em cada subúrbio, tem um clube funcionando durante toda a noite, onde é procurado oferecer aos habitantes um local digno de divertimento, sendo que as ruas centrais ficaram livres para o trânsito de veículos, o que antes não acontecia.

INSPEÇÃO

Enquanto isso, acompanhado de vários assessores, o prefeito Edmilson Mota, esteve no final da semana que passou, fazendo uma visita de inspeção as obras de reconstrução do Estádio José

Cavalcante, tendo saído bastante satisfeito com os trabalhos que vem sendo desenvolvidos, como exemplo, construção de túnel, cabines, etc, cujo orçamento está além de 1 milhão e meio de cruzeiros.

Paralelamente, continua em ritmo acelerado os serviços de construção do novo Mercado Público de Patos, o qual, depois de concluído, proporcionará maiores e melhores condições de trabalho para os feirantes e melhor acesso para os consumidores que para ali se deslocam para efetuar suas compras.

CASA DO ESTUDANTE

A direção da casa do Estudante de Patos, está pleiteando junto a administração municipal, a doação de um prédio localizado

no Jardim Queiroz, pertencente ao município, a fim de ser transformada na casa própria do estudante patoense, uma vez que o local é bastante sugestivo, tendo em vista a tranquilidade oferecida no setor, bem como ficar próximo a diversos educandários.

REABERTURA

Aconteceu neste último final de semana, a reabertura do Comercial Campestre Clube, quando foi realizada uma grande festa junina, o mesmo devendo acontecer na noite de hoje, quando está sendo anunciada a grande festa de São João, que deverá ser prestigiada por toda sociedade de Patos, o que ficou provado com a festa do último sábado, que os salões permaneceram totalmente repletos de pessoas.

BAIRRO DO CATOLÉ — "Forró do Papa in Bar" é o nome da grande festa que a turma da Crislino Colaco realizará no próximo dia 27, com início previsto às 20:00 horas. Um ótimo conjunto regional acaba de ser contratado para animar a festança. Será uma verdadeira festa nordestina.

NA LIBERDADE: A Sociedade de Amigos do bairro da Liberdade, estará promovendo na noite de hoje, um animada quadrilha na quadra de esportes daquele bairro. Participação de diversos grupos do bairro, onde deverá ser escolhido o grupo que se apresentar melhor.

NO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO: Os moradores da rua Fernandes Vieira, estarão promovendo uma animada quadrilha na noite de hoje. Muitas brincadeiras estão reservadas pelos promotores da festa.

NA RUA GETÚLIO VARGAS: No próximo dia 26, grande quadrilha de rua, animada pelos moradores da Getúlio Vargas. Muita comida típica da região, bebidas e muitas atrações.

BONITO DE SANTA FE: O Clube Bonitense estará promovendo neste São João, animados bailes, contando com a participação de um dos melhores conjuntos da região.

SUMÉ: A Associação Recreativa Sumeense, também estará promovendo o seu tradicional São João, contando com um animadíssimo conjunto regional.

NO BAIRRO DA BELA VISTA: A SAB da Bela Vista, promoverá um animado São João na Roça para os seus associados e convidados.

BAIRRO DA PALMEIRA: Outra entidade que também estará promovendo grandes noitadas juninas, será a SAB da Palmeira, sendo que este ano, a festa será exclusivamente para os sócios e familiares, devendo ser distribuído comidas típicas e milho assado para todos os participantes. A animação estará a cargo do Maestro Abel.

NA CEASA: Grandes promoções juninas contando com a participação de vários grupos de bairros. Casamento matuto, quadrilhas e apresentação de grupos folclóricos.

NO LARGO DA ESTACÃO: Durante todo o período junino, apresentações de quadrilhas e casamento matuto, além do tradicional forró ao ar livre. Uma promoção da Secretaria de Educação do Município em conjunto com o Mobral.

SEC APOIARA OS FESTEJOS JUNINOS

Campina Grande só terá sua atração turística quando o Governo resolver colocar orçamento nas festividades juninas", afirmou na última terça-feira a professora Teresa Madalena Lira Braga. Assessora de Recreação e Cultura do Município, por ocasião da reunião no

auditório da Associação Comercial para tratar das festividades juninas que serão realizadas este mês em nossa cidade. A reunião contou com a presença de professores da rede municipal, representantes de rua e imprensa local, para tratar da programação que será realizada de 16

à 30 de Junho, sob a orientação da Secretaria de Educação e Cultura do Município, tendo como local a Estação Velha e Ceasa. Informou a professora Tereza Madalena, que o trabalho da Secretaria de Educação e Cultura do Município junto às quadrilhas de rua será

apenas de divulgação, apoio através da CL-RETRAN, e serão incluídas da programação da SEC.

Disse ainda que toda programação de quadrilha de ruas será colocada nos principais Hotéis da cidade, para que os visitantes possam tomar conhecimentos das festividades juninas.

Os colégios e ruas que pretendem promover Quadrilhas deverão procurar a Secretaria de Educação e Cultura, na Rua Vila Nova da Rainha para tratar da elaboração da programação.

QUADRILHAS

Várias quadrilhas já foram confirmadas em algumas ruas da cidade: Dia 13 na Rua Frei Caneca, dia 16 de junho na Rua Silva Jardim, dia 15 na Rua Floresta; dia 22 na rua Pedro II, dia 16 e dia 23 na Rua José de Alencar, dia 21 na Catingueira, todas iniciando às 20 horas.

O Colégio Estadual da Prata realizará suas festas juninas no dia 15 de junho, nas dependências do próprio colégio. Sábado, dia 9, será a festa do Curso de Comunicação Social da URNe.



Reunião dos professores e representantes de ruas

São João em Santa Luzia prenuncia-se desanimado

SANTA LUZIA - (DB) - Apesar dos esforços que vêm sendo empreendidos pelos promotores das festividades juninas em Santa Luzia, este ano o São João daquela comuna não será tão animado quanto nos anos anteriores, tendo em vista a grande seca que assolou toda região, não havendo lucro de qualquer espécie, e consequentemente as comidas de milho, que já é uma tradição, não aparecerá nas mesas este ano.

Outro fator negativo para as festividades serem fracas, é o alto preço que está sendo cobrado pelos conjuntos musicais, o que obriga aos promotores das festas a aumentar o preço da entrada individual, que este ano será cobrada um preço que não está à altura da população pobre, ficando limitado unicamente as pessoas de condição financeira boa.

Segundo a estudante Rita de Cássia, que participou de uma festa recentemente naquela cidade, tudo indica que o São João será mesmo fraco em Santa Luzia, uma vez que nos anos anteriores, nessa época do ano, já se notava uma animação muito acentuada na população, com pessoas vindas de outros centros com a finalidade de participar das festas, e este ano, não se nota essa euforia.

EMERGÊNCIA

Enquanto isso, o Governador Tarclio Burity anunciou o pagamento dos vencimentos do pessoal inscrito nas frentes de serviços, para o dia de hoje, já havendo inclusive, mandado uma mensagem para a Assembleia Legislativa, solicitando autorização para afetuar o pagamento.

Caso, não seja feito o pagamento até esta data, várias cidades do sertão e Curimatã, serão invadidas por flagelados, a exemplo do que ocorreu no último final de semana, em Cajazeiras, Santana dos Garotões, Antenor Navarro e outras.

PATOS

Caso a Emater não efetue o pagamento no dia de hoje, a cidade será saqueada, segundo informações colhidas junto aos próprios trabalhadores os quais não se encontram mais em condição de esperar para outra data, fato que vem preocupando sensivelmente as autoridades da cidade.

O prefeito Edmilson Mota, juntamente com outras autoridades da cidade, estão preparados para conter o grande número de flagelados que irão aquela cidade, no dia de hoje, para receber seus vencimentos, tendo solicitado a colaboração de toda comunidade, para ajudar ao poder executivo.

Aberta programação de São João no Açude Novo



No Parque do Açude Novo, as danças juninas

Um encontro de sanfoneiros, no Parque do Açude Novo, dá prosseguimento, esta noite, à programação dos Festejos Juninos 1980, cuja coordenação geral tem à frente a sra. Virginia Veloso Borges Ribeiro, primeira dama do Município.

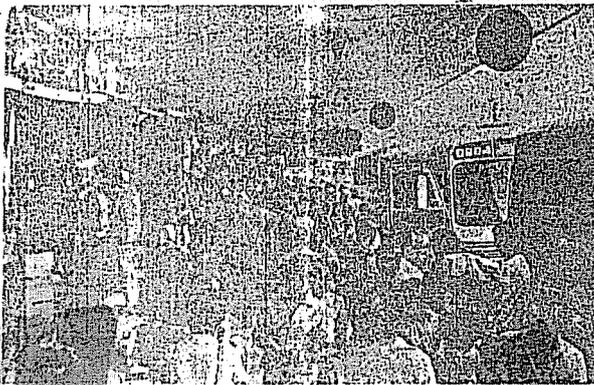
O programa foi aberto oficialmente, sábado à noite, ao lado do Teatro Municipal, com uma fogueira e apresentação da quadrilha da Secretaria de Educação do Município, enquanto,

para hoje à noite, terá início o calendário de quadrilhas nos bairros campinenses, começando pelo Monte Santo.

A programação geral envolve, entre outras iniciativas, escolha da rainha do milho, quadrilha dos eternos namorados e se estenderá até o dia 29 próximo.

No sábado passado, visitada pelo casal prefeito Enivaldo (Virginia) Ribeiro, foi realizada, também, uma animada quadrilha no Bairro da Conceição.

Intensa movimentação na Estação Rodoviária



Vários ônibus extras foram colocados, para atender a demanda de passageiros

A exemplo do que ocorre em São Paulo, neste período de férias, os últimos dias de atividade da passagem São João e São Pedro na Estação Rodoviária de Campina Grande registrou-se uma intensa movimentação, por parte das pessoas que procuram outras cidades para festejar juntamente com familiares.

Ontem, foi o dia mais movimentado na Estação Rodoviária, tendo sido alterado grande o número de pessoas que ali embarcavam e desembarcavam. A maior evasão dos campinenses foi para as cidades do Sertão, Curimatã e Brejo, contudo, muitas pessoas aproveitaram também este período para fazer romagens, visitar a cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

VACACIONÁRIOS

O que não é nenhuma surpresa, o maior número de pessoas que saem de Campina Grande vão para o sertão, a fim de passar as festas juninas com familiares. O movimento nas empresas que atendem aquela linha, fazendo as mais diversas cidades da região, aumentou mais de 70 por cento, tendo empresas colocado vários carros extras para atender à demanda de passageiros.

As empresas Transparalba e Patoense, que exploram a maioria das cidades sertanejas, e partem de Soledade até o alto Sertão paraibano, nas fronteiras com o Ceará, foram obrigadas a colocar carros extras, além dos 24 normais diariamente. Também essas empresas, em frente de vendas de bilhetes na Rodoviária Francisco da Silva Cruz, estão colocando esta cidade em excesso de passageiros, levando cada um em média cerca de 80 passageiros.

Segundo ele, de lá para cá, a movimentação é bem menor, mas já está prevista uma alteração acentuada a partir da próxima semana, quando passar as festas de São João e São Pedro. Para ele, isso acontece normalmente todos os anos, e este ano, segundo disse está igualmente aos anteriores.

Ainda atendendo a algumas cidades do sertão, a Empresa Nacional de Luxo, que explora uma parte da linha, atendida pela Transparalba e Patoense, grande o movimento. Em virtude disso, gr

mal um total de 4 carros extraordinários por dia, para as cidades de Taperoá, Telxolra, Princesa Isabel, Livramento e São José de Egito, todos os carros viajando totalmente lotados, com uma faixa de 60 passageiros.

Segundo o bilheteiro da empresa, Antônio Moura Diniz, este ano o movimento está igualmente ao dos anos anteriores, porque já é normal, neste período, as pessoas procurarem as cidades do Sertão para passarem as festas de São João e São Pedro.

Apesar de ser numa menor escala, era grande também a movimentação de passageiros que procuraram ontem as empresas que exploram as regiões do Brejo e Curimatã, tendo sido elas obrigadas também a colocar ônibus extras para atender ao grande número de pessoas que deixaram Campina Grande para festejar em Brejo e outras comunidades. Muitas delas, já vindo de outras cidades mais distantes.

ATRAÇÃO DE CAMPINA

Campina Grande, por sua vez, também atraiu um grande número de pessoas, que desejam passar as festas na Rainha da Borborema. Na última segunda-feira e ontem foi grande o número de pessoas que desembarcou na Estação Rodoviária, vindo de várias outras cidades do País.

A empresa Real, que explora a linha Campina Grande João Pessoa, foi obrigada a aumentar o número de carros, mas somente para atender aos passageiros que pretendem vir da capital para esta cidade, tendo ontem sido colocado além dos 25 carros normais 6 ônibus extras. Na última segunda-feira, o movimento ainda foi maior, tendo apenas em um só horário chegado a Campina Grande 8 carros, totalmente lotados.

Com relação à movimentação desta cidade para a capital do Estado, não há qualquer alteração, uma vez que as pessoas preferem passar o São João aqui. Espora-se que a partir da próxima segunda-feira, seja necessário colocar carros extras, daqui para João Pessoa a fim de atender ao grande número de pessoas que deverá retornar à sua cidade.

Todas as empresas que exploram as linhas de Campina Grande para o Sul do País, colocaram também vários carros extras a fim de atender ao grande número

de sertanejos que desejam passar o São João e São Pedro em sua terra. Daqui para lá, tanto para o Rio quanto São Paulo, Fortaleza, e outras cidades sulinas o número de passageiros não alterou, mas isso irá acontecer logo após o São Pedro.



O prefeito está visitando as quadrilhas dos bairros

Prefeito comparece às festas juninas

Depois de regressar de Brasília, onde permaneceu por um período de mais de uma semana, o prefeito Ronaldo Cunha Lima iniciou uma série de visitas aos bairros de Campina Grande, onde juntamente com o povo está participando das comemorações alusivas aos festejos juninos. Na última segunda-feira, o prefeito esteve nos bairros do Catolé e Sandra Cavalcante, Centro Cultural e Rua Miguel Couto, lugares que foram movimentados com a apresentação de quadrilhas, instalação de barracas com comidas típicas e outras atrações que reuniram no local grande número de pessoas que ali esteve

para participar do São João programado pela Prefeitura, através da Secretaria de Educação e Departamento de Cultura e Recreação.

Na quadrilha da Rua Miguel Couto, o prefeito Ronaldo Cunha Lima foi recepcionado na residência de nº 189, pelo casal Maria de Lourdes Queiroz e Silva e José Barros e Silva. Acompanhando a caravana do prefeito campinense estavam o secretário de Viação e Obras Ernani Moura, a primeira dama do município, Glória Cunha Lima, o chefe de relações públicas do Gabinete do Prefeito, Waldo Tomé e os jornalistas José Itamar Cândido, Juarez Amaral

ESTA JUNINA: A MAIS FORTE MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA

As festas juninas são a mais forte manifestação folclórica do Brasil. Isso porque, alheias aos regionalismos, são comemoradas em todo o país com as mesmas características, variando apenas em pequenas peculiaridades regionais, como a bebida e a comida.

Por princípio, as festas de junho são caseiras e familiares. Redem-se à família, os compadres, os amigos em volta da fogueira. Em certas cidades, são chamadas "festas calprias", pela origem e forma de comemoração tipicamente rural.

Em alguns centros urbanos de algumas regiões, ao contrário das zonas rurais, as festas juninas desempenham outro papel: são muito mais um acontecimento social do que familiar. Geralmente são realizadas em clubes ou escolas e, além da tradicional "quadrilha", a dança típica das festas de junho, pouco tem a ver com as folclóricas festas das áreas rurais onde floresceram. Em parte porque é impossível, para o morador do apartamento, reunir os amigos em volta de uma fogueira. Além do mais, mesmo sem fogueira, para se comemorar um "São João" é necessário que se utilize uma área superior às geralmente disponíveis nos grandes centros. Principalmente por causa da "quadrilha".

Dos regionalismos rurais, o homem da cidade tirou uma média para adotar nos festejos, selecionando as bebidas e comidas mais próprias para as épocas frias. Nos festejos juninos das cidades, se consome basicamente o que é quente, a canjica, a pipoca e a batata-doce assada.

As passagens se vestem à moda calpria, procurando ser o mais original possível. E quase não mais comemoram o dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro, das moças da cidade, que no meio rural é São Gonçalo de Amarante.

A QUADRILHA

A quadrilha foi introduzida durante o período da Regência, trazida pelos maestros franceses Millet e Cavalier. Segundo historiadores, fez grande sucesso entre a alta sociedade da época, chegando a ser dançada vinte vezes no último baile solene

do país. Entretanto, como dança de salão, a quadrilha foi sendo gradativamente substituída por danças mais modernas. E, no meio rural, foi sendo adotada nas comemorações festivas e definitivamente consagrada nas festas juninas.

A figura central e mais importante em uma quadrilha é o marcador. É ele quem comanda, determina os passos e marca a dança. Por sua origem francesa, a quadrilha é geralmente marcada em francês. De uma região para outra, encontram-se alguns vocábulos em português francesado quase incomprensíveis. Ou mesmo palavras francesas salpicadas de regionalismos brasileiros. Nas escolas, entretanto, para facilitar a compreensão das crianças a quadrilha é marcada em português.

Para acompanhar uma quadrilha o instrumento indicado é a sanfona. Quantas houverem, é bastante animação.

ADVINHAÇÕES

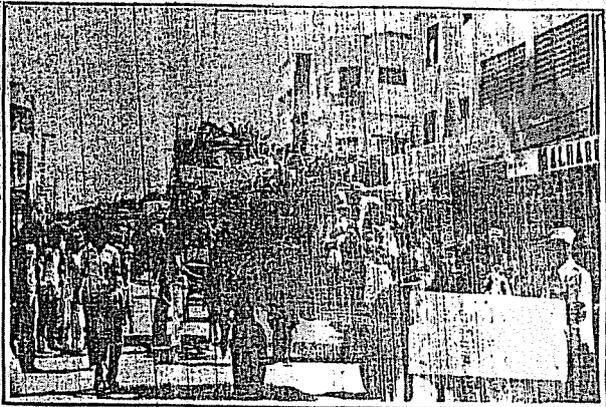
Tradicionalmente a noite de 24 de junho é ideal para testar os amores e o casamento. As adivinhações são feitas de maneira simples, a magia dos santos de junho favorecendo uma certa psicologia do insondável. Há algumas adivinhações capazes de descobrir os futuros pretendentes ou o tempo que falta para o casamento.

Para moças solteiras se assegurarem de que vão casar, devem colocar uma clara de ovo num copo d'água. Se ao amanhecer a clara sugerir um desfecho bem-haver à igreja. E taboão na certa.

Dois equalhas numa bacia d'água, se juntarem indicam também o caminho do altar.

Dois alianças presas por um fio de cabelo no espaço de um copo vazio podem se tocar, indicando quantos anos faltam para o casamento.

Em três pratos coloca-se: num, água suja, e outro água limpa e, no terceiro, nada. A moça aproxima-se de olhos vendados e põe as mãos em um deles. O vazio, nada de casamento, o de água limpa, quer dizer que se casa com um moço solteiro e o de água suja indica união com viúvo.



Fogueira: uma lenda popular

Conta uma lenda popular (inspirada na Bíblia) que a Virgem Maria, ao saber da gravidez de sua primeira filha, o menino de São João Batista, foi visitá-lo. Estava próximo o nascimento da criança e as duas combinaram um sinal, através do qual Maria seria avisada quando a criança viesse ao mundo: uma fogueira seria acesa. A 10 noite, no aniversário daquele que foi o professor de Jesus conserva-se o costume de acender fogueiras em sua homenagem. No entanto, São João não pode assistir aos festejos de sua honra pois, se vir o clarão das fogueiras, não resistir ao desejo de descer do céu, para participar da festa na terra e o mundo acabará pelo fogo. Por isso, Deus o faz dormir no dia de seu aniversário.

Em todo o Nordeste, onde o culto a São João é muito intenso e as festas juninas são consideradas, depois do Carnaval como as mais alegres e autênticas do ano, o costume de acender fogueiras ainda permanece, apesar das ecológicas protestações contra a destruição de árvores com essa finalidade. Em quase todas as ruas das capitais e em todas as cidades do interior as fogueiras são acesas às 18h quando São João começa a dormir, ban-deirinhas, estrelas de papel celofane e balões sonfonados enfeitam as ruas e as pessoas aguardam o som do toco "alegra ainda mais a festa".

Canjica, pamonha, pé-de-moleque, bolo de macaxeira, milho cozido e assado, bolo de mandioca, bolo de milho, pipoca, catanhe, amendoim, lapioca, docada e outras guloseimas fazem parte da culinária junina, uma das mais variadas e apreciadas. Um sabor especial é conferido ao ato de assar o milho nas braseiras da fogueira, enfiado na ponta de um espeto, e que também pode ser feito com a batata-doce, consumida nesta festa forma apenas nesta época do ano.

ADVINHAÇÕES

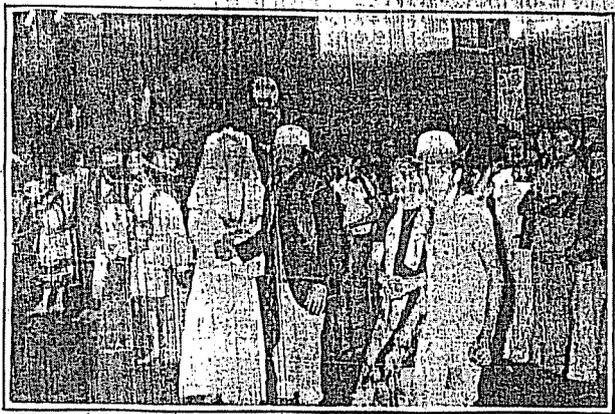
Entre as mais autênticas tradições do ciclo junino, que engloba as festas de

Santo Antônio, São João e São Pedro encontra-se o capítulo das "adivinhações", que confere um caráter particular aos festejos.

Algumas das principais adivinhações são a do copo e a aliança: amarra-se uma aliança num fio de cabelo e penhora-se na boca do copo, sem deixar que toque nas bordas. A aliança começa a bater por si mesma, nas bordas e tantos forem as pancadas são os anos que faltam para a pessoa casar; a dos pingos de vela dentro d'água: enche-se uma bacia d'água, rezando "Salve Rainha" até nos mostrar, enquanto com uma vela acesa deixa-se cair os pingos de cera na água. Será formada uma letra pilão, pingos que será a inicial do nome do futuro marido ou esposa.

Tem também a da clara de ovo: coloca-se uma clara de ovo dentro de um copo. No dia seguinte, observa-se o desenho formado. Se for semelhante a uma igreja, o casamento próximo; se parecer uma cruz, é vida religiosa; se for um navio, é viagem. Uma das mais conhecidas é a da faca na banandira: enterra-se uma faca nunca usada no tronco da banandira; no dia seguinte, se inicia a pessoa com quem se irá casar deverá aparecer na faca.

O ciclo junino através das manifestações folclóricas ricas em alegorias, entre as quais a quadrilha ocupa lugar de destaque. De origem camponesa, das áreas rurais da Normandia e da Inglaterra, antes de chegar ao Brasil, em meados do século XIX, a quadrilha passou pelos salões aristocráticos de França, onde recebeu sua terminologia básica. Retornado ao domínio popular foi, durante anos, a forma preferida de comemorar casamentos nas cidades do interior. Atualmente, esses aspectos são figurados, tipicamente, com muito humor. A quadrilha marcada com malícia e forte traço de ironia. Bacamartiros: tradição que teve origem na Guerra do Paraguai.



Origem das Festas Juninas

Essas festas de lazer (festas com foguetas em junho vem dos povos antigos da Europa, que comemoravam a chegada do verão dançando ao redor de uma enorme fogueira e saltando sobre suas brasas. Para eles, a chegada do verão era muito importante, pois era nessa época que faziam a colheita do que haviam plantado. Mas por que as foguetas? Porque acreditavam que o fogo representava proteção contra os "demônios" da peste, da falta de chuvas e da aridez da terra. Ao redor da fogueira então pediam aos seus deuses uma boa colheita para aquele ano.

Com o catolicismo, essas crenças pagãs misturam-se às crenças do culto católico. Entre 13 e 29 de junho, o povo passou a comemorar a data de três santos: Santo Antônio, no dia 13; São João, no dia 24 e São Pedro no dia 29.

Foram os portugueses que trouxeram as festas juninas para o Brasil, não logo chegaram aqui. E, de todas as festas católicas, essas eram as festas que os índios mais gostavam, pois ficavam maravilhados vendo suas aldeias cheias de fogueira no meio da noite.

Nestas festas, atualmente feitas por famílias e amigos das famílias, saltam-se balões, buscapés, fogos de artifício e bombinhas, come-se muito milho, pipô e à época do milho, bebe-se azevém, bebida feita de canela, gengibre e cravo. Erguem-se mastros com os retratos dos santos, faz-se fogueira, dança-se quadrilha e as pessoas se vestem a fantasia.

Das três festas, a mais popular é a do São João. Segundo a crença popular,

São João em fogueiro, barulhento e gostava de festas. Por isso sua mãe, Isabel, deixou-o dormindo de propósito na sala do seu aniversário, pois ficou com medo que João acendesse muitas fogueiras e incendiasse o mundo. E até hoje, de acordo com a tradição, São João dorme no dia da festa dedicada a ele, ele se acordar, o mundo pode acabar... numa imensa bola de fogo.

A explicação popular dos católicos para o uso da fogueira também tem a ver com São João. Isabel teria acendido uma fogueira para avisar a Mãe Mãe de Jesus, que João Batista tinha nascido. Daí as fogueiras na noite de São João, para lembrar a fogueira que Isabel acendeu.

Nas festas de Santo Antônio as pessoas fazem muitas brincadeiras e adivinhações sobre casamento, pois dizem que Santo Antônio encontra marido para moças solteiras.

Na festa de São Pedro, que é a última, há uma procissão marítima ou fluvial de barcos enfeitados com bandeirinhas, e flores em sua homenagem, pois São Pedro era pescador.

Como se vê, atualmente o significado dessas festas já está bastante diferente do significado de antigamente. E, em alguns lugares, principalmente nas cidades grandes, até mesmo a homenagem aos santos está meio esquecida. O que fica importante mesmo são as comidas, brincadeiras e a dança, pois é a correria das crianças na festa, lançadas com cada balão que sobe.

disciplina festejos juninos

clubes sociais, as "MATINAIS", quando não se prolongarem até depois das 19:00 h, mesmo nesse caso se farão acompanhar tais impúblicas pelos pais ou responsáveis legais.

3º)- Excepcionalmente e precedendo licença deste Juizado será permitida a participação com a presença de menores de 14 (quatorze) anos, nas festividades litero-recreativas ou de cunho religioso, sob a responsabilidade da entidade, instituição ou organismo promotor. Não se permitirão, porém, em hipótese alguma, menores ou crianças com menos de 05 (cinco) anos.

4º)- Proibir também aos menores de 18 (dezoito) anos:

- a) - fazer ou alimentar fogueiras nas ruas e lugares públicos.
- b) - colocar bombas, nas ruas e nas passagens de veículos de carga ou de passageiros.
- c) - atirar bombas, de veículos para a via pública.

5º)- A venda de fogos explosivos é expressamente proibida a menores de 18 (dezoito) anos.

6º)- Proibir a permanência de menores de 18 (dezoito) anos de idade, desacompanhados de seus responsáveis legais, em casas, portas, barracas e outros locais destinados a venda de fogos.

7º)- Determinar a apreensão dos menores que utilizando-se de fogos de qualquer espécie e poder explosivo, ponham em perigo a saúde e integridade física própria e de terceiros, ou perturbem propositalmente o sossego público, notadamente nas proximidades de escolas, hospitais, creches e estabelecimentos que abriguem menores.

8º)- Os proprietários, sócios, prepostos ou representantes responsáveis pelos estabelecimentos, lojas, balcões, barracas e similares que forem apreendidos vendendo ou entregando fogos proibidos ou balões a menores de 18 (dezoito) anos, terão os respectivos estoques apre-

endidos no ato sem prejuízo de lavratura do competente auto de infração. E, no caso de reincidência, poderão ter o estabelecimento (loja, barraca ou congêneres) automaticamente fechado, pelo prazo de 10 (dez) a 30 (trinta) dias.

9º)- Além das penas do Art. 83, Item I da Lei de Contravenções Penais, que proíbe servir bebida alcoólica a menores de 18 (dezoito) anos, o infrator incorrerá nas sanções previstas na Legislação Especial de Menores. Os infratores serão conduzidos à presença da Autoridade competente para serem autuados na forma da Lei e os menores serão apreendidos ou recolhidos ao local.

10º)- No caso de violação de qualquer determinação emanada por este Juízo, ficam os infratores sujeitos à multa imposta pelo Novo Código de Menores em vigor, ou seja de 01 (um) a 50 (cinquenta) Valores de Referência.

11º)- A vigilância e fiscalização para fiel cumprimento desta Portaria, serão exercidas pelos Comissários de Menores deste Juízo em colaboração com a Delegacia de Menores, com o Sr. Dr. Delegado da Delegacia de Vigilância e Costumes, bem como com os Srs. Drs. Delegados das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Delegacias Distritais.

12º)- Para conhecimento de todos os interessados o teor desta Portaria seja publicada pela imprensa local devidamente registrada.

CUMPRE-SE e publique-se, devendo remeter cópia de presente aos titulares das áreas Especializadas, ao Sr. Curador de Menores e ao Chefe do Comissariado de Menores deste Juízo. Dado e passado nesta cidade de Campina Grande, Estado de Paraíba, aos 08 (oito) dias do mês de junho de 1983 (mil novecentos e oitenta e três). Eu Milton Gonçalves Guimarães e Delegado Especial.

Dr. Felizardo Toccano Leite Ferreira Neto
Juiz de Menores

São João provoca grande movimento na Rodoviária

Apesar de Campina Grande estar promovendo o Melhor São João do Mundo, a estação Rodoviária recebeu ontem um grande número de passagens que embarcou para várias cidades do Interior da Paraíba, notadamente do Sertão. Estas passagens aproveitaram o feriado para brincar o São João em suas cidades de origem e retornarão na próxima semana para comemorar o São Pedro em Campina Grande.

A Empresa Transparalba registrou uma grande procura por passageiros logo na sexta-feira e mesmo com 27 horários em seu expediente normal, ainda chegou a colocar 03 carros extras. Os ônibus embarcavam lotados e muitos tiveram que viajar em pé, por falta de poltronas. As cidades mais procuradas foram Cajazeiras, Uiraúna, Conceição e Catolé do Rocha.

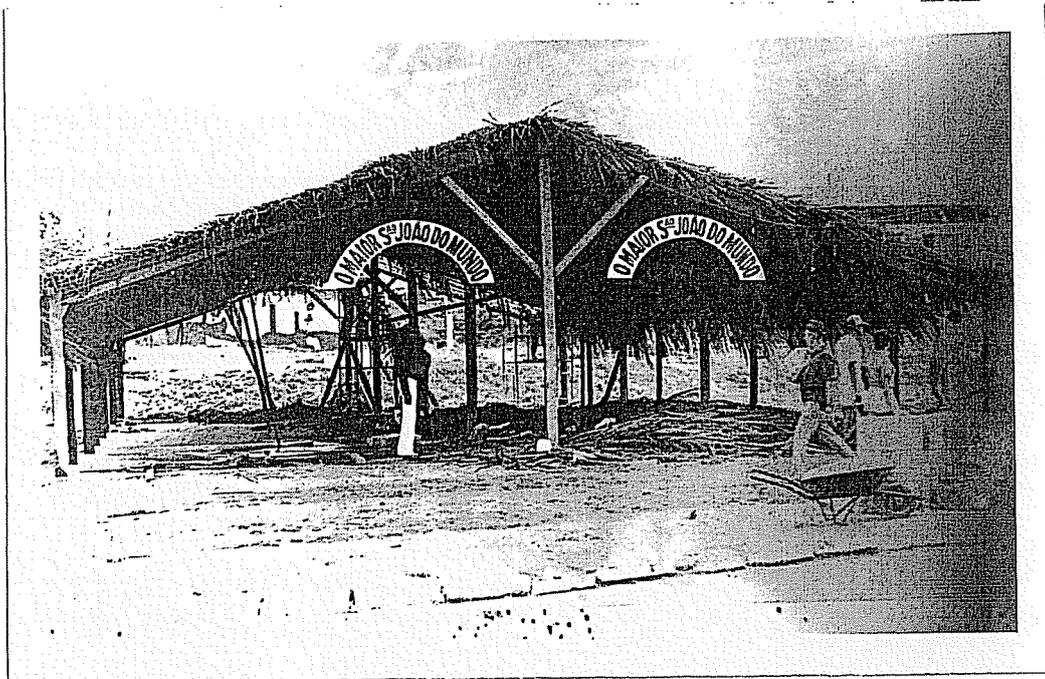
Na empresa Boa Esperança a situação era a mesma, aumentou consideravelmente o número de passagens para Sousa, Cajazeiras, Patos, e Santa Luzia. A cidade de João Pessoa não atraiu a atenção dos campinenses, como aconteceu na época de praia e no carnaval. A movimentação na Empresa Real estava

sendo contrária com um maior número de ônibus vindos de João Pessoa para Campina Grande, houve um acréscimo nos horários com a colocação de carros extras. Por outro lado, os agentes da Empresa Real em Campina Grande, aguardam uma boa vendagem de passagens a partir de amanhã quando muitos retornarão à Capital.

O Recife também não causou interesse e a situação era idêntica a da Empresa Real com um desembarque maior de passageiros. Caruaru também não conseguiu levar campinenses para o seu São João. Porém muitos pernambucanos começaram a chegar a Campina Grande, desde sexta-feira, conforme informou Emlisson Ribeiro, que aguarda uma movimentação maior a partir de amanhã.

ITAPÉMIRIM

Campina Grande, está conseguindo trazer muitos campinenses que moram no Rio de São Paulo para passarem o São João e São Pedro aqui. O funcionário Givaldo informou que diariamente estão chegando 08 ônibus, quatro do Rio e quatro de São Paulo, nos horários normais são apenas dois ônibus para cada cidade.



Fotos do Palhoção, em construção e concluído ⁽¹⁾
fotografias cedidas pelo Diário da Borborema

A Capital do forró



Milhares de pessoas comparecem todas as noites ao QG do forró, ao lado do Centro Cultural

Campina Grande sem dúvida transformou-se na "Capital do Forró", realizando o maior São João do País. Os festejos juninos foram abertos na noite de 17 de junho e se estenderão até o próximo dia do mês. Todas as noites há grande afluência de pessoas ao Palhoçao, já cognominado de "forródomo", instalado ao lado do Centro Cultural, onde há barracas de comidas típicas e artesanato, além da pista para apresentação de quadrilhas juninas e grupos folclóricos, recebendo mais de cinco mil pessoas diariamente. Estima-se que a partir de hoje até domingo, cerca de 20 mil pessoas comparecerão ao QG do forró.

Paralelamente, em todos os bairros e centros da cidade vem sendo realizadas diversas quadrilhas juninas. Nos clubes sociais as festas começaram ontem, registrando-se surpreendente animação.



No Palhoçao, a animação é contagiante e o povo dança até a madrugada

Josino Agra: E um São João inesquecível

Agnello AMORIM

Josino Agra, era homem de muitas posses e mesa farta. Fazendeiro de léguas sem fim de terras ubérrimas, gado de se contar com relógio, era ele tronco antigo, raízes fincadas no campo, como se dele fizesse parte.

O velho Josino era uma alma teórica por excelência, grudado ao chão como as aroeiras e Imburanas dos seus imensos territórios. E por conta disso cultivava com ardor e fervor a nossa mais tradicional e legítima festa: O SÃO JOÃO.

As festas juninas realizadas na fazenda Tanques Grandes, sede dos domínios do Agra patriarca, eram famosas disputando-se à força delas se participar, pois somente a família dava para encher o pátio de pedra bruta, onde se dançava a tradicional quadrilha, puxada pelo mesmo Josino, na contrafação da vetusta coreografia vinda das terras distantes da França.

Uma fogueira imensa era calor e luz. Dentro da imensa casa hectares de pamonha, canjica, queijo, pão e bolacha, além do milho já sem palha pronto para ser assado. Subiam balões, no ilusório deslumbramento de rápido e curto período de ascensão. O tempo parava, preso pela alegria generalizada, ninguém se importando — nem tendo idade para tanto —, com o outro dia.

O patriarca Josino era homem sabido, de muita vivência; o calor não estava apenas na fogueira imensa, mas nos corações dos jovens; e, precavido, instalava uma patrulha composta dos moradores da fazenda, para reconduzir casais extraviado. Na dança de quadrilha, sabe-se que o maior perigo só é quando o mestre-sala dá a ordem "CAMINHO DO MATO", aí todo cuidado é pouco, porque têm os que vão e os que se perdem na volta...

A memória tem fios invisíveis que nos puxam para distantes tempos. O passado volta quase que intacto.

Em 1954 as netas de Josino Agra organizaram a festa junina com a participação dos alunos do Colégio Estadual da Prata. O ônibus saiu de frente do solar de Josino, na rua Maciel Pinheiro, onde residia. Passa Agra, sua filha, aqui em Campina Grande. Os requisitórios de festança estavam todos acomodados em litros e garrafas. Iria haver um casamento matuto, tendo sido eu convidado pra ser o Juiz, pois para tanto, dispunha de um velho fraque de meu pai Moço Amorim, tendo o professor Williams Tejo me emprestado uma cartola, a mesma que foi por ele utilizada quando das cerimônias do enterro do Barão do Rio

Branco, em 1912, no Rio de Janeiro. Os noivos eram Wilson Mascarenhas e Glorinha Rodrigues, o padre era Alzir Pimentel e o delegado, Lula Agra Cariri, Zeca Bueirão, Vavá Agra Cariri, e outros tantos estudantes e penetras eram a comitiva.

Lula Cariri trazia em seu sangue a lenda de bravura de seu pai, Geminiano Cariri, homem que brigou três dias com o cangaceiro José Luiz, nas terras violentas do Surrão, em Ingá do Bacamarte, quando os contendores, na luta terrível, derrubaram três hectares de capoeira braba. Lula atualmente é Fiscal de Rendas, homem bravo apenas no ato de cobrar impostos; Vavá, seu irmão, não ficava atrás em brabeza; o sangue do velho Gêu fervia em seu sistema circulatório; hoje é brabo na cobrança de honorários médicos, apenas.

Pois é, no rastro da épica luta de Gêu com Zé Luiz, confiados nos poderes patriarcais do avô Josino Agra, os irmãos Cariri pintavam miséria nas festas de São João. Basta dizer que era uma amenidade o corte dos punhos das redes dos festeiros, coisa que deixou muita gente doente, até hoje. Dormiu com os dois olhos fechados era fatal: queda na certa. O sono tinha que ser com um olho só — e bem aberto.

Bem introduzido nos afazeres oficiais de casamenteiro, depois dos quiproquós da intervenção do delegado e do padre, cartola na cabeça — dizem que é o lugar certo —, iníclis, como magistrado, o casamento de Wilson Mascarenhas e Glorinha Rodrigues. Anteriormente, havia tomado com o negro Zeca Bueirão uma garrafa da então afamada "Serra Preta", de saudosa memória; cachaça para falar a verdade. O esfômago deu um nó cego e o que tinha dentro dele, subiu, no instante exato do ato consagratório do enlace matrimonial. Lula Cariri puxando fogo, usando uma bengala pertencente a Josino Agra, aplicou violento golpe na cúpula da cartola, tendo a mesma se enterrado até o gogó da minha pobre cabeça. Aí eu vomitei dentro da cartola, pamonha com cachaça; e não morri afogado por ter sido salvo pelo finado Zézinho Agra.

Fiquei com tanto receio de coisas e coisas de julgados, que preferi mais tarde ser Promotor de Justiça.

E ressoa na memória a quadrinha musicada:

Quando eu me lembro que
o chapéu perdeu o fundo,
o São João de Seu Josino
é o maior São João do mundo.
Verso de Léa, sua neta, aos ... anos (?)

Clubes não obtêm sucesso dos anos anteriores, mas houve muito forró



Os clubes não receberam, este ano, número de pessoas superior ao do ano passado, mesmo assim foi grande a animação.

Por outro lado, ornamentação do Campinense Clube, na base de baracas feitas com palhas de coqueiros, além de balões e outros tipos de enfeites, agradou em cheio às pessoas presentes, principalmente no que se refere à iluminação, que era bem sugestiva e apropriada

para as festividades juninas. O Campinense Clube, que pretendia vender todas as suas mesas, não conseguiu obter esse sucesso, tanto foi assim que em seu salão havia dezenas de mesas desocupadas, fator que agradou em cheio às pes-

soas que entraram no Clube através de simples ingressos individuais.

Além do conjunto "Os Três do Nordeste", que todos os anos se apresenta no Campinense Clube, houve também a participação do cantor "Capilé".

"FORROCK" - Embora tenha sido fundado há poucos dias, a casa de diversões "Forrock", indiscutivelmente, promoveu o melhor e mais animado São João de clubes de Campina Grande. O sucesso obtido, sem dúvida, deveu-se às atrações artísticas, entre elas, Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Jorginho de Alinho, Elba Ramalho e outros.

As noites de sexta, sábado e domingo o "Forrock" recebeu milhares de pessoas, principalmente turistas. As animações variaram de

verdadeira multidão compareceu àquela casa de diversão, que apesar de poucos dias de fundação se constitui em um nome conhecido em vários Estados do Nordeste, principalmente os que fazem fronteira com a Paraíba.

Enquanto nos demais clubes não se registrou anormalidades durante os bailes juninos, no "Forrock" verificaram-se pequenos incidentes, atribuídos pela diretoria da casa à grande multidão que todas as noites compareceram à sua dependência para brincar o São João.

CAÇADORES

O Clube dos Caçadores, que anualmente promove gigantescas festas juninas, mais uma vez conseguiu os sucessos dos anos anteriores, embora o número de pessoas presentes fosse inferior, por exemplo ao registrado no São João do ano passado. Os bailes foram interrompidos e o povo só chegou ao Clube ao amanhecer do dia, apesar da grande maioria sentir dificuldades para se destacar até o centro de Campina Grande.

A ornamentação do Clube dos Caçadores também agradou aos participantes da festa, através de balões, bandeirolas e pequenas

Os Clubes de Campina Grande, apesar dos esforços de suas diretorias, não conseguiram, este ano, repetir os sucessos dos anos anteriores, muito embora muita gente tenha comparecido aos salões para brincar no "Maior São João do Mundo".

O Campinense Clube, que fez uma ornamentação bem

sugestiva, recebeu, no último sábado, um diminuto número de pessoas. No entanto, no domingo, véspera de São João, a procura aumentou. Já o Clube dos Caçadores, apesar de ter recebido um maior número de pessoas, também não repetiu os sucessos passados, mas seus diretores e o próprio

ficaram satisfeitos. Nos demais clubes, a presença foi razoável, havendo um destaque, ainda, para o Clube Campinense.

O "Forrock" inaugurado há poucos meses, promoveu o melhor São João de Clube da cidade. As atrações artísticas contribuíram para isso e inclusive chamou a atenção dos turistas.

palhoças e vários setores do salão. Como aconteceu em outros locais, os preços das bebidas foram muito reclamados, mas nem por isso as pessoas deixaram de tomar seus aperitivos que tem, essencialmente, a finalidade de dar uma maior disposição para participar da festa.

Vários grupos musicais, através de versamentos tocaram o baile sem parar, dando desta forma uma maior possibilidade das pessoas poderem brincar até ao amanhecer do dia. De acordo com previsão de diretoria do Clube dos Caçadores, os festejos relacionados com o São João, no próximo final de semana, deverão ser

Apesar da sugestiva ornamentação, o Campinense Clube não conseguiu, este ano, atrair um elevado número de pessoas durante os festejos juninos. Entretanto, as festividades corresponderam à expectativa de seus dirigentes, pois a quantidade de presentes deu para animar a festa, que foi comandada por quaestras, bandinhas e como principal atração musical o conjunto "Os Três do Nordeste", que anualmente toca naquele salão.

Embora houvessem pequenos problemas dentro do Clube, as pessoas que compareceram à festa do São João na sede Cartola varou a madrugada e só

reclamações os festejos juninos naquele salão se realizaram com normalidade, segundo a sua diretoria. As comemorações relativas ao São João, no próximo final de semana, devem ganhar maiores proporções no que se refere ao número de pessoas presentes à sede do Campinense Clube.

Durante os bailes promovidos pelo Campinense Clube, nenhuma anormalidade foi registrada, inclusive não havendo sequer uma prisão, muito embora o policiamento estivesse de prontidão visando dar uma maior tranquilidade aos participantes das festas juninas.

madrugada e a maioria das pessoas ficou satisfeita, muito embora tenha enfrentado uma série de dificuldades, principalmente no que diz respeito a estacionamento, uma vez que até mesmo na rua Almirante Barroso verificou-se quilométricas filas de carros, procedentes de várias cidades nordestinas.

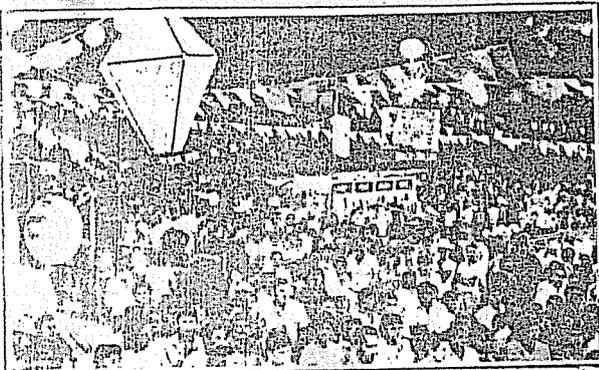
As principais atrações apresentadas pelo "Forrock" foram a cantora Elba Ramalho, na sexta-feira passada, e Dominguinhos, a noite do último domingo, véspera do São João. Nesses dias uma

deixou o salão quando os grupos musicais anunciaram o encerramento da festa, por volta das quatro horas da manhã. As chivas que caíram em Campina Grande, no último final de semana, contribuiu para que muita gente desistisse de comparecer ao Campinense Clube, principalmente aquelas pessoas que não dispõem de veículos.

Outros fatores que prejudicaram uma presença maciça foram os altos preços dos ingressos e das bebidas, pois um bilhete masculino foi cobrado ao preço de 50 mil cruzeiros, enquanto uma lata de cerveja era vendida ao preço de três mil cruzeiros. Apesar das

muito animados, uma vez que as mesas vendidas, por exemplo, se destinam aos compradores com o direito de brincar todos os bailes juninos em Campina Grande. Igualmente ao Campinense Clube, o Clube dos Caçadores também promoveu os festejos juninos sem registro de anormalidades. O policiamento esteve atento a toda hora, mas em nenhuma ocasião se fez necessária a sua intervenção, pois até mesmo aqueles que se excederam na bebida não criaram problema às pessoas presentes, e à própria Polícia, que contava com um bom contingente no interior daquele Clube de Campina Grande.

Jornal do Brasil destaca São João de Campina Grande



São trinta dias de festa, com música, dança, bandeiras, balões, muita gente e comidas típicas

O Malor São João do mundo realizado em Campina Grande, vem sendo alvo de atenção da Imprensa do Sul do País.

que confirma a grande importância do evento. O Jornal do Brasil em sua edição de quarta-feira última, dedica quase um

quarto da sua página de turismo ao acontecimento de maior repercussão a nível nacional da cidade. A matéria intitulada "A

Mais de trezentas quadrilhas animam a cidade, que registra "O Malor São João do Mundo"

Paraíba faz em Campina Grande, seu "Malor São João do Mundo", assim fala sobre o evento: Quem puder antecipar um pouco

o início das férias e partir ainda este mês para o Nordeste ganha a chance de participar em Campina

Grande, na Paraíba, o que os quadrilheiros chamam de "O Malor São João do Mundo".

ANEXO - 17

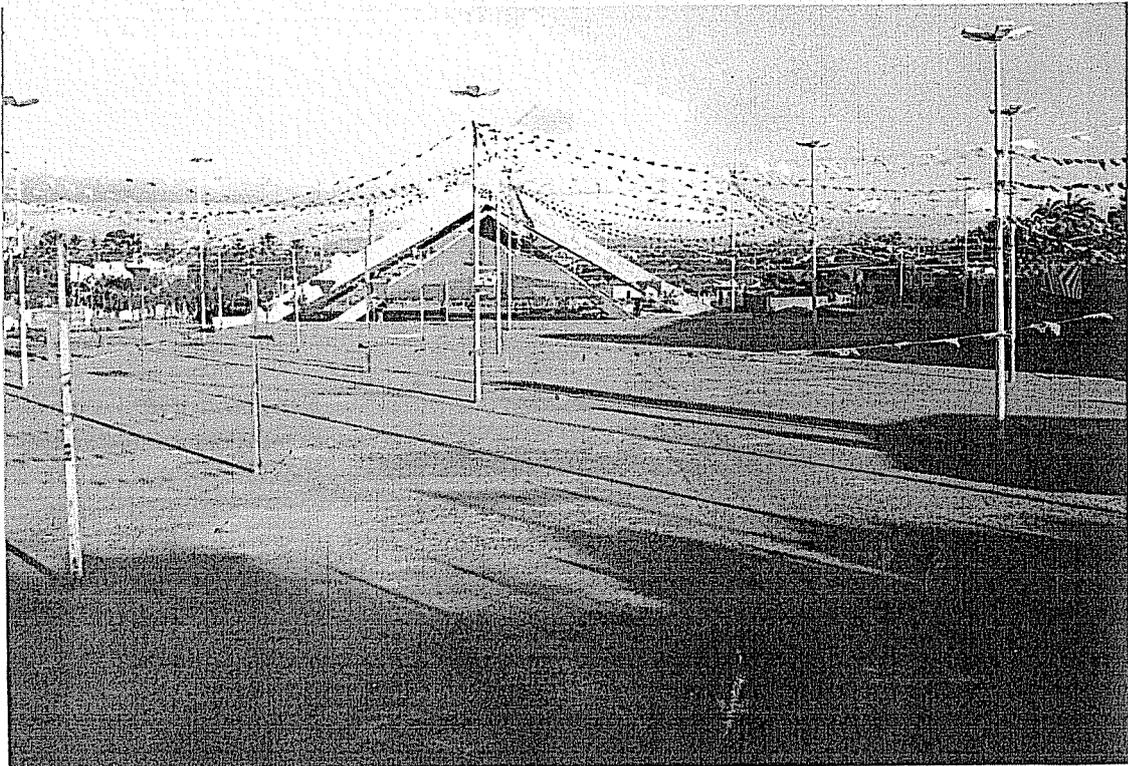


Foto do Forródro (2)

fotografia cedida por Zelma



Foto do Forródro (Interna) (1)
fotografia cedida pelo Diário da Barborema

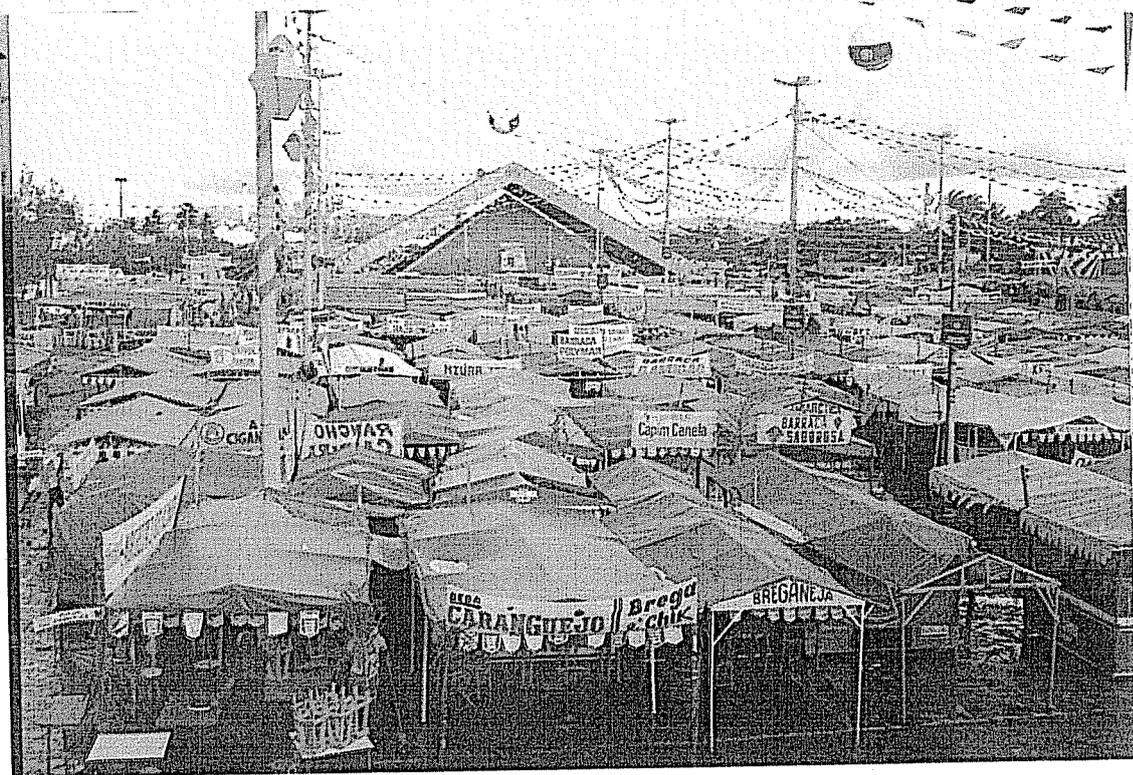


Foto das Barracas (no Parque do Povo) (2)
fotografia cedida por Zelma

Maior São João do Mundo
**Empresas turísticas
 montam esquema
 para atender visitantes**

As agências de Turismo de Campina Grande, já estão montando um esquema de atendimento aos visitantes para o período de 19 a 24 e 26 a 29 do corrente, para que estes não fiquem na ociosidade durante todo o dia. Para isto, serão realizados passeios a vários pontos da cidade e outras como Boqueirão, Lagoa Seca, Ingá (visitação as Itaquilaras).

Na Reitur Turismo, estarão a disposição dos visitantes carros, micro-ônibus e ônibus para fazer uma "city-tur", pegando o turista no hotel com a companhia de um guia para percorrer todo o compartimento da Borborema em seus principais pontos, num período de três horas, para tal, a pessoa deverá pagar a quantia de Cz\$ 288,00.

Já para Pedra de Ingá, Areia, Boqueirão, o percurso será opcional, com o máximo de 10 passageiros, com preferência para uma das localidades. Josellton Mucudo da REITUR diz que o preço varia do número de turistas, para 10 a quantia será de Cz\$500,00, 20 pessoas Cz\$ 400,00 e de 20 até

o número da lotação de um ônibus Cz\$ 300,00.

Ainda está incluído na programação da agência uma viagem com percurso do aeroporto/hotel e hotel/aeroporto, para isso o turista no momento em que for beneficiado com o transporte pagará 200 cruzados, passará os dias que programou na cidade e depois será reconduzido ao aeroporto sem pagar mais nada.

Já na Agência Cinco Estrelas, a partir da próxima semana, os turistas terão disponível, para fazer passeios à Lagoa Seca e Boqueirão, uma kombi, pagando apenas Cz\$ 150,00, o veículo vai buscar o turista no hotel e no retorno deixá-lo no mesmo local.

A partir do dia 19 até o final do mês, sairá diariamente um ônibus de João Pessoa às 17 horas, exclusivamente para conduzir turistas para o Forródomo e depois levá-los a ao restaurante e em seguida para as casas de show-Spazzio e Forróck. No outro dia, às 8 horas retornará à Capital.

**Rede hoteleira não
 dispõe de vagas para
 acomodar os turistas**

A rede hoteleira da cidade já está com suas acomodações totalmente reservadas para o período de 19 a 24 (São João) e de 26 a 29 (São Pedro). São aproximadamente 600 pessoas que estarão participando dos pacotes turísticos oferecidos pelas hotéis.

Em decorrência dos hotéis de Campina Grande não atenderem a demanda dos turistas no período junino, os hotéis estão integrados aos pacotes turísticos e funcionarão no São João e São Pedro como hotéis.

O Executivo, localizado em Santa Terezinha, tem 21 apartamentos de luxo, já estando com todas as reservas preenchidas, e ainda tem muita gente, na fila a espera de deslotação, segundo informou a gerente Elza a procura de hospedagem aumenta dia a dia entretanto não temos condições de atender a demanda.

Em Pedra de Ingá e São João do Bonfim pagará a quantia de Cz\$ 2.300,00, no São João Cz\$ 7.000,00.

O Park Hotel também estará hospedando turistas no período de 19 a 24 e 26 a 29 do corrente, cobrando os preços estabelecidos em reunião do dirigente de hotéis da cidade. São 20 suítes, e quase todas já estão reservadas, restando apenas um reduzido número para que as acomodações estejam preenchidas totalmente.

CAMPING

Visando atender a demanda de turistas no período do Maior São João do Mundo, o Departamento de Turismo providenciou uma área de camping para que sejam armadas barracas, esta se localiza no Parque de Exposição de Animais no Ligeiro.

Mais duas áreas estão sendo devidamente preparadas para abrigar os turistas, uma no bairro do Mirante e a outra perto da Praçinha do Amor no Serrolão, entretanto até o final da tarde de ontem não haviam barracas armadas, estas deverão ser armadas a partir do dia 18 do corrente.

EMBRATUR já incluiu Maior São João do Mundo em seu calendário oficial

O presidente da EMBRATUR, João Dória Júnior, participou da abertura oficial da "Maior São João do Mundo" no último sábado, e considerou de grande importância a inclusão deste evento no calendário nacionalmente e na medida em que haverá continuidade assegurada, não beneficiar o comércio, as pequenas indústrias e os pequenos prestadores de serviços.

Desde o ano passado, que com o nome de Dória, o "Maior São João do Mundo" foi incluído no calendário oficial de turismo da EMBRATUR que é distribuído em todas as unidades diplomatas do Brasil no exterior. "Isto só reforça a posição de que este evento é nacionalmente conhecido", lembrou o presidente da EMBRATUR.

Outro evento que segundo ele poderá ser incluído no calendário oficial do órgão, é o Festival de Inverno que há mais de 11 anos é realizado em Campina Grande. Para que isso aconteça, João Dória assinou apenas precisava a Prefeitura Informar à EMBRATUR todos os detalhes do Festival e se ele atender às exigências do órgão, será, assim como o foi o "Maior São João do Mundo", incluído no calendário e nacionalmente divulgado.

João Dória assegurou, por outro lado, que com a decisão do Governador Francisco Bulhões e da PB-TUR de promover o turismo no estado, a EMBRATUR se sente mais à vontade para definir o seu papel e unir esforços e trabalhos para que a Paraíba do contexto da Região Nordeste possa desenvolver seu desenvolvimento.

Além da inclusão no calendário oficial, Dória informou que existe uma



Milhares de pessoas participaram da abertura do São João no Forró-dromo

proposta, mas precisamente da PB-TUR, de construir no Vale dos Dinossauros, no município de Sousa, onde estudiosos constataram a existência de pegadas de "Dinossauros", um parque regional para preservar o achado e explorá-lo turisticamente. Essa iniciativa vem com bons olhos", frisou.

NORDESTE

Para o presidente da EMBRATUR, o turismo pode ser grande saída para redimir o Nordeste da miséria, do flagelo do desemprego e das dificuldades que lhes

são impostas quer seja pela natureza quer pela política.

- Fico contente - disse Dória ao observar que a grande maioria dos Governadores do Nordeste definiram o Turismo como prioridade em seus Governos. Sou filho do Nordeste, tenho profunda admiração pela região, mas nem só por isto estou convencido de que o Turismo é um grande investimento para o Nordeste.

CONSTITUINTE

João Dória assinou que a EMBRATUR tem se

reunido com constituintes de diversas bancadas e solicitado apoio para suas propostas. Nós entendemos que o Turismo deve ser colocado na Nova Carta Magna sob dois aspectos:

1 - É dever da União, do Estado e do Município, fornecer condições adequadas para o desenvolvimento do turismo;

2 - Todos os brasileiros deve ser assegurado o direito ao lazer e ao turismo.

Por outro lado, ele disse esperar que nova Constituição atenda realmente aos anseios da população brasileira que aspira mu-



João Dória garantiu apoio à expansão do turismo na Paraíba

danças. Defende um regime democrático, por considerar que apesar de todas as dificuldades que o Brasil enfrenta não se pode nem sequer pensar em regimes ditatoriais.

Dória acha que o Brasil não está preparado para mudar seu sistema de Governo, mas confia que num futuro próximo isso venha ocorrer. Por enquanto, defende o presidencialismo. Ele acha, também, que só a Constituição compete definir o mandato do presidente. No seu ponto de vista Sarney deve cumprir o mandato que lhe foi assegurado pela Constituição

FORRÓ
O presidente da EMBRATUR, João Dória Júnior, participou da abertura oficial da "Maior São João do Mundo" no último sábado, e considerou de grande importância a inclusão deste evento no calendário nacionalmente e na medida em que haverá continuidade assegurada, não beneficiar o comércio, as pequenas indústrias e os pequenos prestadores de serviços.